



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Comunicação Social

Joice de Araujo Reis

**Fé na ponta dos dedos: cultura do encontro e produção de presença na  
jornada de Francisco**

Rio de Janeiro

2014

Joice de Araujo Reis

**Fé na ponta dos dedos: produção de presença e cultura do encontro na jornada de  
Francisco**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Linha de pesquisa: Tecnologias de Comunicação e Cultura.

Orientador: Prof. Dr. Erick Felinto de Oliveira

Rio de Janeiro

2014

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

R375      Reis, Joice de Araujo.  
            Fé na ponta dos dedos: cultura do encontro e produção de presença na jornada  
            de Francisco / Joice de Araujo Reis. – 2014.  
            80 f.

            Orientador: Erick Felinto de Oliveira.  
            Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.  
            Faculdade de Comunicação Social.

            1. Religião e a imprensa – Teses. 2. Francisco, Papa, 1936- – Teses. 3.  
            Corpo humano e linguagem – Teses. I. Oliveira, Erick Felinto de. II.  
            Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Comunicação Social.  
            III. Título.

es

CDU 316.77::2

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta  
dissertação, desde que citada a fonte.

\_\_\_\_\_  
Assinatura

\_\_\_\_\_  
Data

Joice de Araujo Reis

**Fé na ponta dos dedos: produção de presença e cultura do encontro na jornada de Francisco**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Linha de pesquisa: Tecnologias de Comunicação e Cultura.

Aprovado em 26 de março de 2014

Banca examinadora:

---

Prof. Dr. Erick Felinto de Oliveira (Orientador)

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

---

Prof. Dr. Fernando do Nascimento Gonçalves

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

---

Profa. Dra. Simone Mattos Guimarães Orlando

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

2014

## **DEDICATÓRIA**

Aos meus amados pais, Isaias (com enorme saudade) e Vivili (minha grande formadora) e aquele com quem compartilho os sonhos e projetos mais importantes da minha vida, Fabrício Mendes.

## AGRADECIMENTOS

A Deus pela inspiração, sustento, força e sabedoria concedidos para a condução dessa pesquisa.

A minha família, pelo incentivo constante quando precisei de estímulos para seguir em frente. Ao meu pai Isaias (*in memoriam*), que em sua simplicidade me ensinou valores que vão muito além de teorias. A minha mãe, Vivili por toda dedicação, investimento na minha formação e compreensão nas minhas ausências. Ao meu noivo, Fabrício Mendes, pelo companheirismo fundamental para conclusão desse projeto, valorizando cada conquista e acolhendo cada lágrima derramada nesse tempo.

A todos os amigos que acompanharam esse processo de aprendizado, tiveram paciência para ouvir meus argumentos, embarcando em minhas viagens pela “vida secreta dos objetos”. Obrigada pela torcida e por serem meus leitores mais entusiastas.

Ao meu orientador Erick Felinto, pelo comprometimento em acompanhar meus passos mesmo diante de todos os desafios que surgiram ao longo do caminho. Obrigada pela tolerância e intervenções enriquecedoras no desenvolvimento do trabalho.

Aos professores e funcionários do Programa de Pós graduação da UERJ pelos ensinamentos e estímulo durante todo o percurso acadêmico, em especial ao professor e coordenador do PPGCOM Ricardo Freitas por toda compreensão e incentivo, sem os quais não teria sido possível concluir essa pesquisa e aos professores convidados para o exame de qualificação, Fátima Régis e Fernando Gonçalves pelas contribuições valiosas para o encaminhamento do projeto.

“Quer dizer ou tudo ou nada (...) Comunicação pela metade não faz bem.”

*Jorge Mario Bergoglio*

## RESUMO

REIS, Joice de Araujo. *Fé na ponta dos dedos: cultura do encontro e produção de presença na jornada de Francisco*. 2014. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

Ao propor que há mais lugar para a dimensão material do que o comumente ocupado por ela, a abordagem teórica das materialidades parece sugerir novas maneiras de pensar fenômenos, ao considerar a experiência sensorial requerida por eles e a demanda de um engajamento corpóreo na apreensão dos estímulos que emanam dessas interações. Nesse contexto, procuramos investigar as afinidades entre as proposições centrais da noção de “produção de presença” e a promoção de uma “cultura do encontro” proposta por Jorge Mário Bergoglio, o Papa Francisco, enquanto movimentos que privilegiam a experiência adquirida através dos corpos, do ambiente físico e da interação com objetos. A partir da observação de momentos específicos da visita do Papa ao Brasil, buscamos apreender de que forma esse processo é evidenciado (seja por meio de discursos, expressões visuais ou gestos) e parece corresponder a uma demanda contemporânea por eventos que recuperem uma dimensão espacial de nossa existência.

Palavras chave: Materialidades. Presença. Encontro. Corpo. Sensorialidades.



## ABSTRACT

REIS, Joice de Araujo. *Faith at the fingertips: the meeting culture and the production of presence at Francisco's journey*. 2014. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

By proposing that there is more place for the material dimension than the commonly occupied by it, the theoretical approach of materialities both, seems to suggest new ways of thinking about phenomena, when considering the sensorial experience required for them and the demand of a tangible engagement on seizure of the stimuli that emanate from these interactions. In this context, we investigate the affinities between the central propositions of the concept of "presence production" and the promotion of a "culture of meeting" proposed by Jorge Mario Bergoglio, the Pope Francisco, as movements which favour the experience gained through the bodies, the physical environment and interaction with objects. From the observation of specific moments of the Pope's visit to Brazil we grasp how this process is evidenced (either through speeches, visual expressions or gestures) and seems to correspond to a contemporary demand for events that retrieve a spatial dimension of our existence.

Key words: Material Elements Characteristic. Presence. Date. Body. Sensorialities.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Chegada do Papa ao Brasil.....	17
Figura 2 -	Trecho da primeira entrevista exclusiva do Papa.....	19
Figura 3 -	Chegada à comunidade de Varginha.....	22
Figura 4 -	Discurso do Papa em Varginha.....	23
Figura 5 -	João Paulo II na sacada do Palácio Apostólico.....	38
Figura 6 -	Papa abraça ex-dependente químico no Hospital São Francisco.....	44
Figura 7 -	Mapa com o itinerário dos símbolos da JMJ 2013.....	54
Figura 8 -	Cruz peregrina em Belém, no Pará e Lábrea, no Amazonas.....	55
Figura 9 -	Cruz peregrina em Belém, no Pará e Lábrea, no Amazonas.....	55
Figura 10 -	Estátuas-vivas em uma das estações encenadas.....	57
Figura 11 -	Atores que interpretaram Jesus Cristo na Via Sacra.....	57
Figura 12 -	Cruz peregrina na Via Sacra.....	58
Figura 13 -	Jovens carregam o símbolo até o palco.....	58
Figura 14 -	“Miguel! Miguel!”.....	59
Figura 15 -	Foto eleita a imagem mais marcante da jornada.....	62

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
1	<b>CULTURA DO ENCONTRO E A REFORMA DA PROXIMIDADE</b> .....	16
1.1	<b>O papel das materialidades no jogo social</b> .....	24
1.2	<b>Produção de presença</b> .....	28
2	<b>UMA FÉ ENCARNADA</b> .....	37
2.1	<b>Recuperar o corpo como objeto privilegiado</b> .....	39
2.2	<b>Fé na ponta dos dedos e o estilo Bergoglio de comunicar</b> .....	43
3	<b>“ÁGUA NO FEIJÃO”: UMA EXPERIÊNCIA DE DIMENSÕES MATERIAIS</b> .....	49
3.1	<i>“Esta es La juventud del Papa”</i> .....	50
3.2	<b>Caminho da cruz</b> .....	53
3.3	<b>Cercania</b> .....	59
	<b>CONSIDERAÇÕES</b> .....	63
5	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	66
	<b>ANEXO A</b> – Discurso do Papa durante a cerimônia de boas-vindas no Palácio Guanabara.....	69
	<b>ANEXO B</b> – Discurso do Papa na Via-Sacra com os jovens em Copacabana...	72
	<b>ANEXO C</b> – Carta enviada ao fundador do jornal italiano “La Repubblica”...	75

## MEMORIAL

As lembranças mais marcantes que tenho daquele dia parecem gravadas no corpo em forma de sensações. Depois de uma madrugada muito fria e de cochilos espaçados tirados entre as frustradas tentativas de encontrar uma posição menos incômoda dentro do saco de dormir colocado entre o meio-fio e o asfalto da Avenida Atlântica, os primeiros raios de sol trouxeram com eles um *insight* que me permitiria pela primeira vez vivenciar um encontro com um objeto de pesquisa. Já havia escutado um professor comentar sobre a fertilidade desse acontecimento. Segundo ele, o ideal era realmente que nos deixássemos encontrar por um objeto, em vez de o definirmos e passarmos a tentar encaixá-lo nas nossas “caixinhas conceituais”, mas eu achava essa proposta muito poética, utópica e improvável para uma principiante. No entanto, naquele instante, sentada no meio fio, olhando para aquela multidão que alterava completamente a paisagem da praia onde ainda predominava um silêncio instigante, tinha a impressão de estar experimentado esse encontro, em que a presença remete principalmente à sensação de ser atingida no corpo por um momento de intensidade. Teria então encontrado um objeto de pesquisa? Em alguns segundos um turbilhão de ideias me passou pela cabeça, mas isso ficaria para depois já que a imposição do acontecimento me convidava antes de tudo a experimentá-lo.

Era hora de fazer um novo curativo nas bolhas que surgiram nos pés depois de caminhar por pelo menos cinco quilômetros carregando uma bagagem pesando em torno de oito quilos. Como voluntários, precisávamos ajudar a recolocar as grades de proteção ao longo do trajeto que seria feito pelo “papamóvel” e essa também seria a única oportunidade que teria de acompanhar a passagem do Papa de perto. O lixo produzido durante a noite era recolhido e em pouco mais de uma hora tudo parecia organizado. A essa altura, homens do Exército Brasileiro e da Força Nacional tomavam a avenida formando um cordão de segurança ao longo de todo percurso e eram aplaudidos pela multidão à medida que assumiam seus postos. Os voluntários formavam um segundo cortejo mais próximo às grades de proteção. Nelas, os peregrinos se aglomeravam e enquanto aguardavam a passagem do pontífice trocavam lembranças e tiravam fotos.

O som e a imagem do helicóptero que sobrevoava a Praia de Copacabana reproduzida nos telões anunciava a chegada do Papa Francisco para a celebração da Missa que encerraria a Jornada Mundial da Juventude no Brasil. A histeria representada pelos gritos que se tornavam cada vez mais intensos indicava a proximidade do “papamóvel” do ponto onde estávamos.

Em instantes tive a oportunidade de fazer a experiência descrita por tantas pessoas como inexplicável. Realmente, também me pareceu ser. Mãos e pernas trêmulas, palpitações, lágrimas e o sorriso que parecia sustentado involuntariamente pelos músculos do rosto dizem de um momento para o qual não parece haver sentido que se sobreponha ao impacto produzido sobre o corpo. Sensações que de alguma forma ainda produzem efeitos ao serem revisitadas pelas recordações<sup>1</sup> da ocasião. Ali tive a sensação de realmente estar diante de um fenômeno de presença, que tanto a teoria me instigava a apreender. Não havia maneira de detê-lo ou prolongá-lo e sendo efêmero, tinha a intensidade de um “relâmpago”. Assim o objeto me escolheu, de forma tão surpreendente quanto seria o caminho que ele me levaria a percorrer. Assim decidimos “seguir-lo”, conscientes de que no decorrer do processo fundamentalmente descritivo, poderíamos encontrar os achados que intuíamos inicialmente, ou não, já que o desbravamento do percurso, por si só, também faz parte da ciência.

---

<sup>1</sup> Ver <<http://youtu.be/qQfu3PNHEoc>>. O vídeo disponibilizado nesse link foi feito durante a passagem do Papa pela Orla da Praia de Copacabana e remete a experiência pessoal descrita nesse memorial.

## INTRODUÇÃO

Marcadas pelo conjunto tecnológico de cada época, as formas como recortamos, percebemos e representamos nossos mundos interiores e exteriores podem ser entendidas como resultado de um complexo processo sócio-cultural que contribui para a sustentação da experiência de realidade<sup>2</sup> que se apresenta em cada tempo e lugar. Como parte intrínseca deste processo, há variáveis, consideradas decorrentes das condições materiais dos meios e dos corpos humanos em interação, que parecem incidir sobre os modos de percepção e representação das coisas como importantes agentes no processo de construção e de proposição de novas experiências. Nesse encaminhamento, o que se conjectura é a ideia de que os diferentes meios possuem lógicas que estruturam suas gramáticas e linguagens, sendo capazes de propor novas experiências sensoriais, gerando, enfim, novas realidades. Num cenário articulado pelo excesso de tecnologias digitais, a cultura contemporânea parece constituir um ambiente profícuo para práticas de comunicação, voltadas cada vez mais, para a hiperestimulação dos sentidos, o que requisita novos modos de investigação que possam dar conta do conjunto de questões e afetações sensoriais que essa cultura parece promover. Frente à tendência, constatada em diferentes episódios e acontecimentos hodiernos, que aponta para o desenvolvimento de uma linguagem que agrega dimensões físicas em suas dinâmicas (através, por exemplo, de espaços virtuais imersivos, espaços digitais do tipo 3D, uso de holografias em variados ambientes ou de aparatos que permitem explorar ambientes físicos com informações visuais que só estão disponíveis através da interface aparelho/ambiente) parece oportuno o desafio de reexaminar o valor de proposições materialistas para os estudos da comunicação.

Como será mais bem esclarecido no capítulo 1, não se trata, conforme elucidada Pereira (2008), de uma proposta alicerçada em um determinismo tecnológico, mas de uma leitura que recupere e se ocupe das questões materiais que envolvem as práticas sociais e suas formas de comunicação. Uma iniciativa de tentar compreender com clareza o papel que os meios desempenham nos processos de subjetivação, de produção de novas sensorialidades e representações sociais. Conforme propõe a abordagem das Materialidades da Comunicação “esses resultados vão depender, pelo menos em parte, dos objetos de fascínio que começaram

---

<sup>2</sup> Experiência compreendida segundo Pereira (2008) “como um conjunto de padrões sensoriais e cognitivos, e como um sistema de crenças e de linguagens que, somados, organizam e significam as percepções, orientando as ações de um grupo nos jogos e interações permanentes com seu meio ambiente.” (PEREIRA, 2008, p.2)

por ativá-los e evocá-los.” (GUMBRECHT, 2010, p. 130) Assim, ao constatar que as metodologias essencialmente interpretativas continuam a constituir grande parte das práticas epistemológicas contemporâneas, o modelo teórico estimula a investigação das condições de possibilidades de constituição de um sentido ao invés de privilegiar um sentido já dado. Nesse contexto, a ideia de “produção de presença” em Gumbrecht (2010) é apresentada como um movimento inclinado a recuperar um modo de nos relacionarmos com as coisas do mundo a partir de efeitos específicos produzidos no contato com o que está a nossa frente, diante dos olhos e no contato com o corpo.

Partindo do pressuposto de que esse modelo requer uma organização de pesquisa distinta das fórmulas convencionais certificadas pela tradição hermenêutica, propomos uma construção não linear de investigação que parta da análise do fenômeno concreto e durante o percurso convoque um diálogo com as premissas teóricas. Ao perceber afinidades entre as proposições centrais da noção de “produção de presença” e a promoção de uma “cultura do encontro” proposta por Jorge Mário Bergoglio, o Papa Francisco, eleito a pouco mais de um ano para o cargo máximo da Igreja Católica após a renúncia do Papa Bento XVI, a escolha do objeto se deu baseada na hipótese de que esse movimento proposto por ele e definido pelo vocábulo “encontro”, enquanto cultura que elege como primazia o contato pessoal, capaz de tocar efetivamente as pessoas, pode representar uma adequação no estilo de agir e de comunicar de uma das instituições mais influentes do mundo. Tomado como um momento oportuno para a análise, pela proximidade com o objeto e mobilização provocada pelo megaevento, nos detemos à análise de fenômenos relacionados a essa proposta observados durante a primeira viagem apostólica do papado feita ao Brasil, por ocasião da Jornada Mundial da Juventude, realizada no período de 23 a 28 de julho de 2013 no Rio de Janeiro, para pensar em que medida a presença do Papa nesses momentos coloca essa questão (da cultura do encontro, enquanto proposta que comporta em potencial fenômenos de presença).

Seguindo esse encaminhamento, a noção de “produção de presença” é trabalhada no capítulo 2 a partir do referencial da materialidade corpórea, ao se revelar pertinente para pensar fenômenos em que, antes mesmo da constituição de qualquer sentido, um objeto, um efeito de tangibilidade irão tocar e afetar o corpo de uma pessoa. Em função de sua importância como primeira mídia pela qual os processos de comunicação humana iniciam sua trajetória, o corpo é apresentado como um dado fundamental para os estudos da área, como um sistema em permanente transformação não apenas um objeto afetado pelas novas tecnologias, mas também um agente que intervém no curso das práticas culturais. O investimento de privilegiar o corpo, como expressão de uma materialidade que se relaciona

com tantas outras materialidades, se inspira na premissa que afirma a plausibilidade de se tomar esse suporte como primeiro e fundamental meio de comunicação, especialmente para as formas de comunicação presenciais, que requerem linguagens tais como a fala e os gestos. Nesse sentido, num ambiente contemporâneo marcado pelo desenvolvimento de tecnologias que agregam cada vez mais a dimensão física às suas linguagens, a valorização dessas formas de comunicação presenciais não corresponderia também à espécie de anseio coletivo por fenômenos que toquem o corpo antes de tudo? Dentro desse contexto, procuramos evidenciar a partir da análise de momentos da visita do Papa ao Brasil, o emprego de sua corporalidade, enquanto, conjecturamos, meio capaz de produzir afetação pelas expressões que possibilita. Com o intuito de produzir uma visão anacrônica, entendendo a ideia de presença no catolicismo como algo que está na gênese da religião, baseada na crença em um Deus encarnado e em uma experiência de fé mediada por sinais visíveis/materiais, expomos ainda um esquema de oração proposto pelo Papa, quando ainda era arcebispo de Buenos Aires, como recurso para ilustrar uma interação onde a mão humana é tomada como mediadora de uma experiência em que o corpo é tomado como autorreferência predominante. Embora o catolicismo (assim como quase todas as outras manifestações religiosas), numa perspectiva geral, sempre tenham tratado a dimensão da matéria e do corpo como preâmbulos àquilo que realmente interessa - a existência futura dos espíritos no mundo celestial que seria o destino final dos salvos – o uso de expressões e os gestos que recuperam uma relação com as “coisas do mundo” pode apontar para possíveis adequações de postura em um cenário de declínio da cultura hermenêutica.

A partir dessas intuições, nos detivemos no capítulo 3 à observação de três momentos específicos da visita do Papa ao Brasil que parecem colocar em evidência (seja por meio de discursos, expressões visuais ou táteis) uma forma de comunicar, que privilegia a experiência adquirida através dos corpos, do ambiente físico e da interação com objetos. Considerando ainda as contribuições da Teoria Ator-Rede (TAR) em Latour (2005), ao propor que, em determinada ação, atores humanos e não humanos estão envolvidos na produção da experiência, espera-se contribuir para o desenvolvimento de análises mais complexas que evidenciem processos de mediação que conectam sujeitos, lugares e objetos. Procurando manter o fenômeno no centro da questão, procuramos dialogar também com conceitos que possuem pontos de associação com a abordagem tomada como fio condutor da pesquisa, como os propostos por Boivin (2008) ao cotejar o poder das metáforas materiais, que residiria num entendimento não linguístico do mundo; com a ideia de megaevento em Freitas e Fortuna (2009), ao cogitar que esses momentos parecem estimular o desenvolvimento de uma



capacidade de apreciação e fruição sinestésica das experiências que o constituem; e com as estratégias propostas por Gumbrecht (2010) para apreender fenômenos de presença a partir de conceitos como o de “epifania”. Frente ainda ao entendimento de que os objetos culturais sejam concebidos como uma oscilação e, às vezes, uma interferência entre os *efeitos de presença* e *efeitos de sentido* (conferindo ao primeiro o foco de interesse da teoria das materialidades frente à obliteração que as dimensões que o envolvem teriam sofrido na história de estudos acerca de produção de sentido nas culturas ocidentais), a aposta está em dar ênfase a vetores de experiências e efeitos de tangibilidade observados nesses eventos comunicativos, considerando sempre que é impossível fazer uma descrição puramente material já que mesmo os fenômenos mais inclinados à dimensão da presença não excluem a dimensão do sentido.

## 1 CULTURA DO ENCONTRO E A REFORMA DA PROXIMIDADE

“Dentro de algumas horas chego ao Brasil e já sinto o coração cheio de alegria por em breve estar celebrando com vocês a 28ª JMJ”. O *tweet* enviado durante o voo que partiu de Roma na manhã do dia 22 de julho de 2013 anunciava o destino e expressava o sentimento que marcaria a primeira viagem apostólica do Papa Francisco, recém-nomeado para o cargo máximo da Igreja Católica. A visita, por ocasião da 28ª Jornada Mundial da Juventude, realizada no período de 23 a 28 de julho de 2013 no Rio de Janeiro foi a primeira oportunidade de contato direto do pontífice com os fiéis após a eleição do colégio cardinalício em março de 2013, depois da renúncia de Bento XVI. Nascido Jorge Mário Bergoglio, em Buenos Aires em 17 de dezembro de 1936, descende de italianos, Francisco é o papa número 266 da Igreja Católica, sendo o primeiro latino-americano a ser eleito chefe de Estado da Cidade do Vaticano. Já nas primeiras horas em solo brasileiro, as imagens<sup>3</sup> da maior autoridade da Igreja Católica circulando em um carro popular, com os vidros abertos por avenidas tomadas por milhares de pessoas parecem gerar um impacto que comunica, sobretudo pela intensidade da cena e pelo envolvimento emocional provocado por ela. Após o desembarque no aeroporto do Galeão, durante o percurso até a Catedral do Rio de Janeiro, de onde partiu de “papamóvel” até o Palácio Guanabara, para encontro com autoridades, Francisco chegou a ficar preso em um congestionamento na Avenida Presidente Vargas e aproveitou para cumprimentar os fiéis que formavam um corredor humano ao longo do caminho. No “papamóvel”, causou grande surpresa ao interromper o trajeto para beijar crianças erguidas no meio da multidão, cena que se repetiria várias vezes ao longo da passagem do pontífice pelo país. Foi a primeira vez, desde a década de 80, que um papa andou pelas ruas num carro sem blindagem. A explicação<sup>4</sup> para opção por veículos considerados mais vulneráveis em aspectos de segurança, dada com naturalidade pelo próprio

<sup>3</sup> Ver figura 1. Esta imagem é um QRcode, um código de barras em 2D que aponta para conteúdos multimídia relacionados ao texto. Os capítulos trarão alguns desses códigos apontando para vídeos publicados em uma página do Youtube criada para a pesquisa. Para usufruir de tal recurso é necessário ter um celular com câmera fotográfica e acesso a internet. Caso o aparelho ainda não tenha o aplicativo, deve-se fazer o download do programa gratuito i-nigma para celular, disponível em [www.i-nigma.mobi](http://www.i-nigma.mobi). Feito isso, basta fazer a leitura do código impresso no texto e o programa direciona automaticamente para o conteúdo em questão. Esse primeiro código corresponde ao trecho de uma reportagem exibida pelo Jornal Hoje da Rede Globo com um compacto de imagens que fazem referência às cenas descritas no texto.

<sup>4</sup> Trecho da primeira entrevista exclusiva concedida após o conclave ao jornalista brasileiro Gerson Camarotti, enviado especial da Globo News, durante o quarto dia da visita ao Brasil, pouco antes da festa da Acolhida na Praia de Copacabana. Alguns trechos da entrevista serão apresentados ao longo da pesquisa. Vídeo na íntegra disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=DO9HnYLYVqE>>. Acesso em 10 jan. 2014.

Papa, parece atribuir sentido a uma comunicação que antes de tudo evoca algo de extraordinário, de incomum a partir de sua imposição material:

Figura 1: Chegada do Papa ao Brasil



<http://youtu.be/qTElszbBaPw>

Antes de viajar fui ver o papa móvel, que seria trazido para cá. Era cercado de vidros. Se você vai estar com alguém a quem ama, amigos e quer se comunicar você vai fazer essa visita em uma caixa de vidro? Não. Eu não poderia vir ver esse povo que tem um coração tão grande, por trás de uma caixa de vidro. E nesse automóvel, quando ando pela rua, baixo o vidro para poder estender a mão, cumprimentar as pessoas. Quer dizer ou tudo ou nada. Ou a gente faz a viagem como deve ser feita, com comunicação humana, ou não se faz. Comunicação pela metade não faz bem. (BERGOGLIO, 2013)

Para além da questão moral, ligada aos protocolos associados à figura do Papa e à segurança de um chefe de estado, aspecto que confere uma dimensão local à reflexão, relacionada, sobretudo, a aspectos culturais e sociais, a questão material que envolve essa escolha parece conferir uma dimensão universal à mensagem expressa por Francisco, anterior ao sentido propriamente dito, já que em qualquer lugar do mundo, uma caixa de vidro constitui uma superfície sólida que impede o contato direto entre duas pessoas. Os gestos incansáveis para estender a mão, tocar e abraçar põem em destaque um corpo que comunica. Nesse sentido, conforme propõe Pfeiffer (1994), a comunicação pode passar a ser encarada menos como uma troca de significados, de ideias sobre algo e mais como uma performance posta em movimento por significantes materializados. Marcas de uma linguagem que parece afetar em potencial a dimensão perceptiva do interlocutor ao promover sensações que precedem a formação de qualquer sentido. Um processo que pode ser relacionado dentro da análise do desenvolvimento dos códigos sensórios midiáticos à ideia de multisensorialidade<sup>5</sup>, enquanto característica que implica ativar outros sentidos na busca de maior atenção e envolvimento do público com a mensagem. Ao tratar da inclusão nos discursos e mensagens

<sup>5</sup> Apontada por Pereira (2013), também, como um traço das linguagens midiáticas típicas da cultura digital, a multisensorialidade na comunicação está relacionada diretamente ao pressuposto básico de que qualquer meio, pensado na sua dimensão mais básica e material, deve estar em consonância com algum sentido humano. Considerando o desafio de prender a atenção de públicos superestimulados, não basta agora a mensagem ser audiovisual, mas deve envolver para além da visão e da audição, o tato, o olfato e até o paladar, se possível.

de elementos e efeitos capazes de provocar emoção, sobretudo por setores da sociedade antes rotulados pela neutralidade, como a religião, Pereira (2013) elucida que esse envolvimento afetivo pode ser potencializado não só em realidades de contato pessoal, mas por recursos que vão desde a escolha de certas palavras em construções narrativas no caso de um texto; da sonoplastia, música e colorido de vozes no caso de mensagens radiofônicas; e de cortes e edições específicas no caso de conteúdos audiovisuais. Ainda a partir dessa perspectiva, a observação de outros recursos tomados para pensar as marcas da linguagem do entretenimento na cultura contemporânea parece contribuir para compreensão do impacto provocado por esses momentos.

No primeiro discurso<sup>6</sup> às autoridades brasileiras no Palácio Guanabara, o papa iniciou a mensagem com uma alegoria de um convidado que bate a porta para pedir permissão de entrada ao chegar a uma casa. Após manifestar sua alegria pela providência de que a primeira viagem internacional de seu pontificado fosse a América Latina, Francisco disse ter aprendido que para ter acesso ao povo brasileiro é preciso ingressar pelo portal do seu imenso coração e acrescentou “por isso permitam-me que nessa hora eu possa bater delicadamente a essa porta. Peço licença para entrar e transcorrer essa semana com vocês”. Aqui, o uso de expressões simples, diretas e intuitivas, metafóricas, concretas e de fácil entendimento, conforme elucida Pereira (2013), parece contribuir para que não se perca tanto o encantamento garantido pelos elementos lúdicos, quanto à emoção, quando se busca compreender o sentido da mensagem. Em outro trecho, a afirmação “vim para encontrar os jovens que vieram de todo mundo, atraídos pelos braços abertos do Cristo Redentor. Eles querem agasalhar-se no seu abraço, para junto de seu coração, ouvir de novo o seu potente e claro chamado...” também parece corresponder a esse uso, ao fazer referência a um símbolo nacional como recurso que cria identificação, processo que pode ser compreendido numa perspectiva teológica como uma iniciativa que deseja aprofundar-se num movimento de inculturação<sup>7</sup>, já que os significantes recuperados pelas expressões não se impõem apenas enquanto imagens materializadas, mas

---

<sup>6</sup> Ver anexo A.

<sup>7</sup> O termo “inculturação”, recorrente no vocabulário teológico, aparece pela primeira vez no Sínodo dos Bispos de 1977 para referir-se a relação da fé com a(s) cultura(s), num diálogo de enriquecimento recíproco. No entanto, para falar dessa realidade já se propuseram e usaram muitos termos levando o entendimento do conceito a imprecisões. Conforme explicita Nunes (2008) para padre Arrupe, que se debruçou sobre a definição do termo na obra *Inculturazione* (1978), inculturação “significa a encarnação da vida e mensagem cristã numa área cultural concreta, de tal modo que esta experiência não só chegue a expressar-se com os elementos próprios da cultura em questão (o que seria só uma adaptação superficial), mas que se converta num princípio inspirador (...)”. Ver referências.

simbolicamente. Ainda com a conservação de uma ou outra expressão menos coloquial, o trecho final do discurso também parece afinado a essa perspectiva:

Os pais usam dizer por aqui: “os filhos são a menina dos nossos olhos”. Que bela expressão da sabedoria brasileira que aplica aos jovens a imagem da pupila dos olhos, janela pela qual entra a luz regalando-nos o milagre da visão! O que vai ser de nós, se não tomarmos conta dos nossos olhos? Como haveremos de seguir em frente? O meu auspício é que, nesta semana, cada um de nós se deixe interpelar por esta desafiadora pergunta. (BERGOGLIO, 2013)

Diante dos inúmeros desafios impostos ao pensar o modo como a Igreja leva adiante sua tarefa de comunicar no mundo de hoje, ainda enquanto arcebispo na Argentina, Bergoglio, já apontava a necessidade de ir ao encontro das pessoas como uma das questões centrais para responder aos anseios emergentes na sociedade. Em sua primeira entrevista<sup>8</sup> exclusiva concedida durante a visita ao Brasil, o cardeal foi enfático ao afirmar “eu quero uma Igreja próxima”.

Figura 2: Trecho da primeira entrevista exclusiva do Papa



<http://youtu.be/i7eOBIX6AZ0>

Questionado sobre o processo de perda de fiéis no continente e, especificamente no Brasil, sobretudo para as denominações evangélicas, o papa se recorda de ouvir falar dessa preocupação em pelo menos dois sínodos dos bispos, ao longo dos últimos 10 anos, e, embora afirme não conhecer o suficiente a vida do Brasil para dar uma resposta, usa mais uma vez uma alegoria construída em torno de elementos lúdicos para tornar mais sensível a mensagem de proximidade: “Para mim é fundamental a cercania<sup>9</sup> da Igreja. Porque a Igreja é mãe, e nem você nem eu conhecemos uma mãe por correspondência”. Ao reproduzir o gesto de uma mãe que toma um bebê em seus braços, Francisco pondera “a mãe dá carinho, toca, beija, ama. Quando a Igreja ocupada com mil coisas se descuida dessa proximidade e só se comunica

<sup>8</sup> Ver figura 2.

<sup>9</sup> Na tradução para o português, o termo “cercania” corresponde a proximidade, no entanto, optamos por manter no relato da sequência, pelo menos uma vez, o termo original usado na entrevista concedida em espanhol pelo encantamento produzido pela sonoridade da palavra, que também pode ser tomado como um recurso que produz afetação considerando a perspectiva de investigação adotada pela pesquisa.

com documentos é como uma mãe que se comunica com seu filho por carta”. A título de ilustração, o pontífice recupera ainda o relato feito a ele por um sacerdote que foi como missionário para uma localidade no Sul da Argentina, onde não havia um padre há quase 20 anos, para demonstrar como a falta da presença física de religiosos nas comunidades, compromete a proximidade e contribui para esse processo de evasão. No local, uma senhora muito culta teria confidenciado ao padre: “Tenho muita raiva da Igreja porque nos abandonou. Agora vou ao culto todos os domingos ouvir o pastor, que foi quem alimentou nossa fé durante todo esse tempo”. Antes de dar continuidade ao relato, Francisco resume “ou seja, a falta de cercania” e prossegue contando que quando o sacerdote ia se despedir da mulher ela lhe disse: “padre, um momento. Venha”, levou-o até um armário, onde havia uma imagem<sup>10</sup> da Virgem Maria e disse a ele “eu a escondo aqui, para que o pastor não a veja”. Logo, o pontífice conclui:

Essa mulher ia ao pastor, respeitava o pastor, ele falava a ela de Deus e ela aceitava. Porque não tinha seu sacerdote, mas as raízes de sua fé ela conservou escondidas em um armário. Mas estavam lá. Esse é o fenômeno para mim mais sério. Este episódio me mostra muitas vezes, o drama da fuga, desta mudança. Falta de proximidade. Vou repetir essa imagem. A mãe faz assim com o filho: cuida, beija, acaricia e o alimenta. Não por correspondência. (BERGOGLIO, 2013)

A intuição de Francisco, que como *leitmotif*, pode ser definida pelo vocábulo “encontro” parece almejar a construção de uma cultura que eleja como primazia o contato pessoal, capaz de tocar efetivamente as pessoas. Movimento que, a partir de uma visão anacrônica, evidencia algo que está na gênese do catolicismo enquanto experiência de fé com um Deus encarnado, feito homem, que se teria encontrado concretamente no tempo e na história com um povo com o qual desejava firmar uma aliança. Segundo a doutrina cristã, a partir da encarnação de Jesus Cristo, torna-se possível fazer uma experiência visível com um Deus, até então, invisível. Um Deus que teria passado a caminhar no meio do povo e a sentir na pele as vivências humanas. Logo, o desafio de ir ao encontro das pessoas remontaria a essa iniciativa primeira e requer esforços considerados por Francisco como uma das principais pautas pastorais da Igreja hoje. Em uma entrevista concedida aos jornalistas e escritores,

<sup>10</sup> O episódio parece ilustrar a estreita relação do catolicismo com expressões materiais da fé. Conforme afirma São João Damasceno, doutor da Igreja que combateu movimentos contrários ao uso das imagens (como a iconoclastia no século XVII), a iconografia cristã inspira-se, sobretudo na encarnação do Filho de Deus que inaugurou uma nova “economia” das imagens: “Antigamente Deus, que não tem corpo nem aparência, não podia em absoluto ser representado por uma imagem. Mas agora que se mostrou na carne e viveu com os homens posso fazer uma imagem daquilo que vi de Deus” (Catecismo da Igreja Católica, 1159). Divergindo do pensamento protestante, que condena o culto às imagens, reduzidas a ídolos, a doutrina católica valoriza a veneração de imagens sacras e ícones litúrgicos como sinais visíveis que estimulariam os sentidos humanos à experiência espiritual.

Sergio Rubin e Francesca Ambrogetti<sup>11</sup> durante uma série de encontros mantidos com Bergoglio ao longo de mais de dois anos na sede do arcebispado, ainda enquanto cardeal na Argentina, ele já afirmava: “Acredito sinceramente que a opção básica da Igreja, na atualidade, não é diminuir ou eliminar prescrições ou tornar mais fácil isso ou aquilo, e sim sair à rua para buscar as pessoas, conhecê-las pelo nome” (BERGOGLIO, 2013). Usando, mais uma vez, uma imagem para ilustrar seu pensamento, Bergoglio se recorda de uma conversa em que um sacerdote considerado muito sábio lhe disse que estávamos diante de uma situação totalmente oposta à mostrada na parábola<sup>12</sup> do pastor, que tinha noventa e nove ovelhas no curral e foi buscar a que se perdeu: “temos uma no curral e noventa e nove que não vamos buscar”. Por sua vez, para Francisco esse parece um desafio que vai muito além de questões teológicas ou doutrinárias, mas exige esforços concretos, de implicações físicas e dimensões materiais. Em Buenos Aires, por exemplo, ao tomar conhecimento, por sociólogos da religião, de que a zona de influência de uma paróquia é de seiscentos metros quadrados e constatar que a distância entre uma paróquia e outra na capital da Argentina é normalmente de cerca de dois mil metros, Bergoglio propôs, uma vez, aos sacerdotes que alugassem uma garagem dentro desse raio de extensão e, se encontrassem um leigo disponível, mandassem-no para lá ficar um pouco com as pessoas, fazendo catequese e até dando comunhão aos doentes ou aos que quisessem.

---

<sup>11</sup> Autores do livro *El jesuita: conversaciones con el cardenal Jorge Bergoglio*, lançado em 2010, primeira publicação a reunir uma série de entrevistas com o então arcebispo da Argentina. Sérgio Rubin é um escritor argentino premiado, jornalista e atualmente responsável pelas notícias religiosas do jornal *Clarin* e editor do suplemento “Valores Religiosos”. Entre as coberturas de acontecimentos importantes para a Igreja, acompanhou mais de uma dezena de viagens de João Paulo II e a eleição do papa Bento XVI. Francesca Ambrogetti é jornalista, psicóloga social, já dirigiu a Associação de Imprensa estrangeira e colabora com meios de comunicação internacionais, como a Rádio Vaticano.

<sup>12</sup> Formas metafóricas utilizadas frequentemente por Jesus Cristo para transmitir ensinamentos, evidenciadas em diversas passagens bíblicas. Processo de linguagem que implica uma comparação e consiste em fazer uma substituição analógica que utiliza elementos comuns à realidade do interlocutor. Dentro da perspectiva das materialidades, parecem contribuir para demonstrar que os sentidos não são arbitrários. Fundamentados pela experiência, os sentidos seriam motivados pelas propriedades materiais do mundo sensível e constituídos não como combinações significativas, mas como metáforas. Conforme elucida Tomas D. Erickson, “metáforas funcionam como modelos naturais, nos permitindo pegar nossos conhecimentos sobre objetos e experiências familiares, concretas, e usá-las para estruturar conceitos mais abstratos” (ERICKSON, 1996, p. 66). Ideia que será mais bem trabalhada no capítulo 3 a partir da inspiração de Boivin (2008) sobre o poder das metáforas materiais.

Figura 3: Chegada à comunidade de Varginha



Na visita ao Brasil, o desejo de estar presente, sobretudo em localidades menos assistidas pelo poder público, o levou à comunidade de Varginha, no Complexo de Manguinhos, Zona Norte do Rio de Janeiro. No terceiro dia da visita ao Brasil, pouco antes das onze horas da manhã, Francisco chegou de “papamóvel” à comunidade, pacificada em 2012, onde era aguardado por centenas de moradores. Na chegada, ele recebeu de uma freira um colar havaiano com as cores do Brasil. As casas estavam enfeitadas para um dia de festa. O papa caminhou pelas ruas da favela, sempre acompanhado de muita gente, cumprimentando a quem lhe estendia a mão e visitou a pequena capela de São Jerônimo Emiliani, onde abençoou o altar. Durante o percurso, com cerca de 200 metros fez uma pausa para uma visita. A casa escolhida foi a de Dona Maria Lúcia dos Santos e do Seu Manoel José da Penha, onde estavam reunidas diferentes gerações da família, representadas por um bebê com 15 dias de vida e uma idosa de 93 anos. Durante cerca de 8 minutos, o papa conversou com os moradores e convidou-os para fazerem uma oração juntos. Em entrevista<sup>13</sup> ao Jornal Nacional da Rede Globo, Dona Maria confidenciou que nem deu tempo de servir o cafezinho ou suco que tinha planejado, mas o tempo “Foi suficiente para sentir o calor humano, do ser humano que ele é. Só a presença dele nos acalma, nos tranquiliza e foi uma coisa maravilhosa”, contou ela. Após a visita, Francisco fez questão de cumprimentar as pessoas que se aglomeravam do lado de fora antes de seguir até o campo de futebol da localidade onde faria um discurso. Antes de falar, ele ouviu os moradores representados por um jovem que falou sobre as dificuldades enfrentadas por eles e sobre o descaso das autoridades com a comunidade, que, segundo o rapaz, passou a ter mais atenção do poder público após o anúncio da visita do pontífice. Por fim, Francisco resumiu o desejo de proximidade nas palavras dirigidas aos moradores de Varginha:

<sup>13</sup> Matéria veiculada no portal do telejornal. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2013/07/papa-francisco-visita-comunidade-de-varginha-no-rio-de-janeiro.html>>. Acesso em 24 jan. 2014.



Que bom poder estar com vocês aqui! Desde o início, quando planejava a minha visita ao Brasil, o meu desejo era poder visitar todos os bairros deste país. Queria bater em cada porta, dizer 'bom dia', pedir um copo de água fresca, beber um 'cafezinho' - não um copo de cachaça! - falar como a amigos de casa, ouvir o coração de cada um, dos pais, dos filhos, dos avós...mas o Brasil é tão grande! Não é possível bater em todas as portas! Então escolhi vir aqui, visitar a comunidade de vocês que hoje representa todos os bairros do Brasil. Como é bom ser bem acolhido, com amor, generosidade, alegria! Basta ver como vocês decoraram as ruas da Comunidade; isso é também um sinal do carinho que nasce do coração de vocês, do coração dos brasileiros, que esta em festa! Muito obrigado a cada um de vocês pela linda acolhida!(...) Desde o primeiro instante em que toquei as terras brasileiras e também aqui junto de vocês, me sinto acolhido. E é importante saber acolher; é algo mais bonito que qualquer enfeite ou decoração. Isso é assim porque quando somos generosos acolhendo uma pessoa e partilhamos algo com ela – um pouco de comida, um lugar na nossa casa, o nosso tempo - não ficamos mais pobres, mas enriquecemos. Sei bem que quando alguém que precisa comer bate na sua porta, vocês sempre dão um jeito de compartilhar a comida: como diz o ditado, sempre se pode “colocar mais água no feijão”! Se pode “colocar mais água no feijão”? Sempre? E vocês fazem isto com amor, mostrando que a verdadeira riqueza não está nas coisas, mas no coração! (BERGOGLIO, 2013)

Figura 4: Discurso do Papa em Varginha



<http://youtu.be/JXFfWgOoMnE>

No áudio<sup>14</sup> do discurso é possível perceber a vibração popular, sobretudo, quando o papa faz referência a expressões tão corriqueiras no cotidiano brasileiro, como “beber um cafezinho” e “colocar mais água no feijão”. Durante toda a visita, momentos de intensidade como esse marcaram a passagem de Francisco pelo Brasil. Seja por meio do encantamento produzido pelas palavras ou pelos gestos de acolhimento expressos pelo sorriso ou pelas mãos que se estendem para tocar e abençoar, muitas sensações geradas por essas experiências parecem não serem passíveis de explicação, de acordo com aqueles que as vivenciaram. São sentidas na pele, acompanhadas por batimentos acelerados e por uma emoção que afeta os sentidos, como testemunhado em diversos relatos<sup>15</sup>: “Fiquei em êxtase. Esse era um sonho meu, eu já vim para cá com essa intenção”, disse a mãe do menino Guilherme Mendes, de 2 anos, uma das crianças abençoadas pelo pontífice com o sinal da cruz. Sentimento

<sup>14</sup> Ver figura 4.

<sup>15</sup> Entrevista concedida ao portal de notícias G1. Disponível em: <<http://m.g1.globo.com/jornada-mundial-da-juventude/2013/noticia/2013/07/no-1-dia-papa-passa-por-multidao-e-discursa-cristo-bota-fe-nos-jovens.html>>. Acesso em 24 jan. 2014.

experimentado também por Thaís Albuquerque Ramos<sup>16</sup>, evangélica e mãe de uma menina de 1 ano e 8 meses beijada pelo papa durante a passagem do papa móvel pelas ruas do Centro da cidade: “É muito emocionante. Não sei explicar a sensação. As minhas pernas começaram a tremer” contou a mulher que acompanhava uma amiga peregrina. Dessa forma, considerando que vivemos num ambiente altamente sensorial, onde as práticas de comunicação parecem estar voltadas cada vez mais para a estimulação dos sentidos, a complexidade que esse arranjo traz para as formas de comunicação parece sinalizar uma demanda por instrumentos e metodologias de pesquisa que observem os elementos constitutivos dessas dinâmicas sem ofuscá-los por interpretações prematuras. Conforme elucida Hanke (2005), parece promissor “dar atenção ao som como som, ao gesto corporal como gesto corporal, sem perder esta materialidade do significante de vista por causa da atenção dada ao significado” (HANKE, 2005, p.216). Ainda segundo essa concepção, as ciências do “espírito” ou da cultura (ciências humanas) do futuro não deveriam tratar apenas o nível do significado dos produtos culturais, mas das materialidades dessa produção. Essa reconfiguração intencionada se reflete no programa de estudos fundado na Alemanha por volta de 1986 denominado “Materialidades da Comunicação”, com a proposta de colocar em pauta estruturas de organização, meios, o corpo, a voz ou a escrita – materialidades – e mostrar como formas de vida se baseiam em formas de comunicação. Por conseguinte, considerando os desafios propostos pelo objeto em investigação, o aprofundamento nos referenciais teóricos desse programa parece oferecer possibilidades fecundas para o desdobramento da análise em questão.

### **1.1 O papel das materialidades no jogo social**

Em meio à polifonia dos espaços urbanos, a emergência de um cenário forjado em um caráter fortemente midiático, fragmentado, multissensorial e ubíquo, constitui novos modos de comunicação e experiências de sociabilidade na cultura contemporânea. Num ambiente altamente sensorial, as práticas de comunicação e entretenimento parecem estar voltadas cada vez mais para a estimulação dos sentidos, com um modelo de atenção, sedento por espetáculos e experiências sensoriais ricas. Sob uma perspectiva histórica ou sociológica, a

---

<sup>16</sup> Entrevista concedida ao portal da notícia. Disponível em <<http://www.oportaldanoticia.com/2013/07/mae-de-menina-beijada-pelo-papa.html>>. Acesso em 24 jan. 2014.

maneira como as relações de afetividade vão se delineando dentro dessa ambiência<sup>17</sup> parece requisitar a ampliação do conceito de experiência estética para além do proposto pelo enfoque canônico lançado sobre a obra. A partir dessa perspectiva, o objeto não é tomado em si mesmo como estético, mas os processos e seus constituintes – coisas, produtos, acontecimentos, paisagens – podem ser vetores da experiência estética, que por sua vez não é necessariamente artística. Esse encaminhamento amplia, ainda, a concepção de estética, como apreensão do sensível, para além do proposto pela maioria das tradições filosóficas ao limitar a análise ao lado do receptor e dos investimentos mentais que ele possa fazer. Nesse sentido parece mais elucidativo falar na busca do que há no espaço da vivência, da experiência não conceitual (*Erlebnis*), em vez de “experiência estética” (*ästhetische Erfahrung*), já que a maioria das tradições filosóficas associa o conceito de “experiência” à interpretação e a atos de atribuição de sentido. Conforme propõe a abordagem das Materialidades da Comunicação “esses resultados vão depender, pelo menos em parte, dos objetos de fascínio que começaram por ativá-los e evocá-los.” (GUMBRECHT, 2010, p. 130).

Curiosamente originada em um campo de tradição marcadamente hermenêutica, os estudos literários, a abordagem das Materialidades nasce das reflexões de um grupo de pesquisadores oriundos dos estudos literários que começa a se reunir por volta dos anos 80 para discutir o condicionamento da maior parte dos discursos da área a metodologias essencialmente interpretativas, como análise de conteúdo ou estudos de recepção. O centro das preocupações do grupo marca uma inversão de paradigma onde a determinação dos sentidos dos fenômenos comunicacionais passa a ser menos importante que o estudo dos mecanismos materiais que permitem a emergência desses sentidos. Conforme afirmam Felinto e Pereira (2005), ainda que diversos pensadores<sup>18</sup> tivessem procurado recuperar as questões materiais que envolvem as práticas sociais, atribui-se a Gumbrecht o mérito de delinear uma primeira sistematização do pensamento da materialidade dos meios, ao elaborar o esboço de um programa de pesquisas que adquiriu forma original em uma coletânea de artigos publicada na Alemanha em 1988. No cerne da proposta está o compromisso de pensar que diante do

---

<sup>17</sup> Termo que remete a um conjunto de fatores que procuram transmitir o clima e proporcionar a experiência de uma determinada época ou espaço. Em termos de caracterização da expressão parece adequado utilizar o termo alemão *Stimmung* [apesar de importante na fenomenologia, especialmente heideggeriana, trata-se de palavra corrente da língua], empregado para fazer referência à experiência de estar impregnado por um ambiente, uma atmosfera.

<sup>18</sup> Como pontuam Felinto e Pereira “Simmel, Kracauer e Benjamin se inscrevem como precursores do pensamento da materialidade por partilharem essa visão de que tão importante quanto os sentidos/significados sugeridos por uma cultura, são os choques, as sensações, as afetações perceptivas, corpóreas, enfim, materiais, que essa mesma cultura promove através de diferentes meios e tecnologias” (FELINTO; PEREIRA, 2005)

fenômeno social mais óbvio há um conjunto de elementos em negociação e que frente a essa complexidade, a materialidade precisa ser considerada e mapeada. Como enfatiza Pereira (2006), não se trata aqui de uma proposta alicerçada em um determinismo tecnológico, mas de um projeto epistemológico que recupere e se ocupe das questões materiais que envolvem as práticas sociais e suas formas de comunicação. Uma iniciativa de tentar compreender com clareza o papel que os meios desempenham nos processos de subjetivação, de produção de novas sensorialidades e representações sociais.

Frente à tradição do pensamento filosófico ocidental que se traduz em um processo de precedência do significado sobre o significante, a abordagem teórica das “materialidades da comunicação” emerge como tentativa de problematizar questões cujo domínio do paradigma metafísico teria levado ao abandono. A proposição do paradigma das materialidades se concentra na ideia, por vezes naturalizada, de que todo ato de comunicação exige a presença de um suporte material para efetivar-se e evidencia que a expressão de um sentido está profundamente determinada pelas circunstâncias materiais e históricas da realidade cotidiana que o produz. Ao constatar que as metodologias essencialmente interpretativas continuam a constituir grande parte das práticas epistemológicas contemporâneas, o modelo teórico estimula a investigação das condições de possibilidades de constituição de um sentido ao invés de privilegiar um sentido já dado.

As abordagens exploratórias propostas pela Escola de Toronto de Comunicação, especialmente por McLuhan, parecem apontar para a mesma perspectiva ao valorizar os aspectos formais dos meios e propor pensá-los a partir da capacidade que têm de constituir uma gramática ou linguagem que se revela em função da organização de elementos predominantemente de ordem sensorial. Conforme propõe Pereira (2006), uma leitura atenta à evolução do pensamento de McLuhan, permite compreender que todo esforço do autor ao longo de seus trabalhos mais conhecidos, alvos de inúmeras críticas acerca do determinismo tecnológico<sup>19</sup>, em vez de negar agentes sociais nas determinações dos modos de ser humano, parece reivindicar a atenção devida para “a possibilidade de agentes técnicos/materiais inerentes aos meios, paralelos aos agentes sociais, afetarem, também, por vias muito

---

<sup>19</sup> O termo determinismo tecnológico, aplicado por críticos à obra de Mc Luhan, sugere que o autor compreende a evolução das culturas a partir de uma lógica causal, linear e sequencial, na qual aposta-se que um artefato, uma tecnologia, um meio, sempre condiciona os modos de ser humano. Pereira (2006) propõe que o pensamento articulado nos últimos anos de vida do autor, e que parece ter ganhado forma mais explícita na obra *Laws of Media – The New Science*, revela uma reflexão mais ampla onde a ideia de cultura estaria bastante presente socializando a tecnologia. Ao trabalhar o jogo entre figura (figure) e fundo (ground), Mc Luhan reconhece que o fundo de qualquer tecnologia é tanto a situação que a origina quanto o ambiente, o conjunto de serviços e desserviços, ou genericamente, as afetações que essa mesma tecnologia passa a promover.

específicas, os modos de ser humano” (PEREIRA, 2006, p.7), numa abordagem que aposta mais nas dimensões sinestésicas e estéticas que estes meios possibilitam.

Essas reflexões sugerem novas investigações que têm explorado, em fontes diversas das ciências humanas e naturais, abordagens que dão relevância às maneiras pelas quais o mundo material impacta em nossas vidas e é parte, ao invés de separado, de nossos processos cognitivos, conceitos culturais e atividades sociais. Nesse sentido, a materialidade é convocada para enfatizar a fisicalidade do mundo, como algo que tem dimensões, resiste, constrange e que oferece possibilidades em virtude de um conjunto de propriedades físicas. Um dos exemplos vem da arqueologia britânica. Em *Material Culture, Material Minds: The impact of Things on Human Thought, Society and Evolution*, Nicole Boivin relata sua pesquisa de doutorado em uma pequena vila rural da Índia (Rajasthan) com a proposta de compreender mais sobre a arquitetura e o uso do espaço local a partir dos resíduos materiais. No decorrer da pesquisa, Boivin (2008) evidencia o impacto do mundo material sobre o mundo social não apenas por sua capacidade de atuar como um plano para o qual ideias e conceitos são atraídos, mas também porque a sua própria materialidade exerce uma força. Tensões na trajetória do próprio pensamento, com foco na representação, começam a surgir quando a pesquisadora passa a considerar o papel que as implicações físicas do solo exerceram nas sociedades, quando propriedades particulares, como maleabilidade e plasticidade pareceram impactar nos hábitos de vida de diferentes períodos. Ao estudar casas de barro de Rajasthan, a autora constatou que a plasticidade deste tipo de matéria-prima permite que pisos e paredes sejam alterados com facilidade e em associação com as mudanças na vida das pessoas. Um movimento onde as mudanças espaciais não marcam apenas os ritos de passagem domésticos e a metáfora material não é apenas a realização de um conceito de mudança social (sua expressão material), mas parte da criação do entendimento do conceito de mudança social como alteração física de paredes, aberturas ou fechamentos de passagens, mudanças de cor, de textura, acréscimo ou retirada de ornamentação. Nessa concepção, por restringir ou possibilitar a ação das pessoas, o barro exerce um tipo de agenciamento sobre as atividades humanas. Logo, dentro de uma rede complexa de agentes, não se pode atribuir ao solo ter causado mudanças radicais na organização social, comunicação, no ato de cozinhar ou construir das civilizações, mas um novo *approach* é ativado ao considerar que suas propriedades físicas podem ter habilitado e, talvez, até mesmo encorajado mudanças. Nesse sentido, a materialidade não é tomada como a estrutura sobredeterminante que vai explicar a

ação, mas como um dos *actantes*<sup>20</sup> que compõem essa engrenagem. Conforme propõe Gumbrecht (2010), tomado aqui no campo da comunicação, convocar experiências que destaquem essa perspectiva pode nos ajudar a recuperar uma dimensão espacial de nossa existência e nos impedir de perder por completo a dimensão material de nossas vidas. Como reação a um ambiente cotidiano que se tornou predominante cartesiano ao longo dos últimos séculos, a aposta do teórico está em lançar um olhar apurado para o componente de “presença” inerente a qualquer contato com as coisas do mundo.

## 1.2 Produção de presença

Já no começo da tarde era difícil achar um espaço na grade que separava os peregrinos do caminho que o Papa Francisco percorreria de “papamóvel”, ao longo de toda a orla da praia de Copacabana, onde aconteceu a Festa da Acolhida, nome dado ao primeiro ato público da Jornada Mundial da Juventude realizado no terceiro dia da visita do pontífice ao Brasil. O pouso do helicóptero da Força Aérea Brasileira no Forte de Copacabana aconteceu pouco depois das cinco da tarde e foi acompanhado em telões pelo olhar atento da multidão que lotou as areias, o calçadão e o asfalto. Todos queriam ficar perto do papa. Conforme narrado na matéria<sup>21</sup> exibida no Jornal Nacional do dia, a parede humana teve vários metros de extensão e muitos só conseguiriam vê-lo bem pequenininho ou então pelo telão. “Mesmo assim, a emoção de estar nesse encontro em Copacabana é tão grande que todos sentem a presença do Papa” afirmou o repórter. No caminho, Francisco ganhou um solidéu<sup>22</sup> de um peregrino, dando o dele em retribuição e tomou um chimarrão oferecido por um dos fiéis. Cerca de um milhão de peregrinos, segundo estimativa da Santa Sé participaram da celebração enfrentando o frio e a

<sup>20</sup> Dentro da metodologia Ator-Rede, Latour (2005) sugere o uso do termo *actante*, tomado da semiótica, para incluir não-humanos no conceito de ator e diferenciá-lo do sentido tradicional de “ator social” da sociologia. Para Latour, ator é tudo que age, deixa traço, produz efeito no mundo, podendo se referir a pessoas, instituições, coisas, animais, objetos, máquinas e não apenas aos humanos.

<sup>21</sup> Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2013/07/papa-chega-copacabana-e-toma-chimarrao-com-os-fieis-durante-trajeto.html>>. Acesso em 24 jan. 2014.

<sup>22</sup> Pequena boina usada pelos clérigos católicos e pelos judeus, significando o temor a Deus, que estaria acima de tudo. Diz-se que seu nome é devido ao costume de só retirá-lo da cabeça “para Deus”, já que os ministros devem estar descobertos em ocasiões como na exposição do Santíssimo Sacramento, no início do prefácio do Cânon da Missa, etc. Consiste de oito partes costuradas, com um pequeno talo no topo. Como grande parte da indumentária eclesiástica, a cor denota o grau hierárquico de quem o usa. Entre os religiosos católicos já é raro seu uso, embora se veja com mais frequência na cabeça do papa. Entretanto, o povo judeu, principalmente os rabinos, o usam constantemente.

chuva. No palco, Francisco foi recebido calorosamente e comentou sobre o tempo ruim ao saudar os peregrinos: “Sempre ouvi dizer que os cariocas não gostam do frio e da chuva. Mas vocês estão mostrando que a fé de vocês é mais forte que o frio e a chuva. Parabéns, vocês são verdadeiros guerreiros. Vejo em vocês a beleza do rosto jovem de Cristo e meu coração se enche de alegria” disse o papa, ovacionado pelo público. A festa continuou com um espetáculo de som e cores na apresentação dos jovens representando os continentes e a com a encenação da primeira Missa no Brasil. Um evento descrito pelo próprio pontífice como “inesquecível” em uma mensagem postada no Twitter no dia seguinte à festa. Sensação compartilhada pelos peregrinos que tentavam descrevê-la em seus relatos: “Consegui vê-lo. Fiquei muito emocionada. Valeu muito a pena. É um dia que não vou esquecer nunca”, contou Neide Silva, em entrevista a um site<sup>23</sup> de notícias. Ela levou o filho caçula para assistir a missa e tentar conseguir uma benção do papa. “Eu queria que ele me pegasse no colo. Meu coração acelerou na hora que ele passou”, disse o menino de 6 anos, que também se chama Francisco. Momento que a jovem Aline Fischer descreve emocionada: “É uma sensação única. Esse papa é muito especial para os jovens (...) Tenta falar nossa língua. Estou muito feliz por ter conseguido ver, mesmo que de longe.” Experiências de intensidade que parecem não encontrar nas palavras suporte suficiente para serem descritas. Logo, suscitam indagações: como analisar a comoção que leva às lágrimas, a euforia que acelera os batimentos e coloca em prontidão os sentidos, a superação do cansaço pelo corpo que resiste ao frio e chuva?

Diante da vocação hermenêutica de autocompreensão das Humanidades como saberes cuja tarefa exclusiva é extrair ou atribuir sentido aos fenômenos que analisa, o campo das materialidades parece se aventurar por caminhos que possibilitem ultrapassar o estatuto central da interpretação. Como aprendemos tradicionalmente a entender qualquer configuração de mundo através da transferência daquilo que queremos entender para nossa presença, mas não temos critérios para distinguir interpretações adequadas de projeções inadequadas que fazemos, o conceito das “materialidades” expressa a esperança de fugir dessas projeções e responder a questões, como as apresentadas, a partir de um nível que antecede a interpretação, que serve de ponto de partida para o processo: a materialidade. Nesse contexto, a ideia de produção de presença em Gumbrecht (2010) surge como um movimento inclinado a recuperar um modo de nos relacionarmos com as coisas do mundo a partir de efeitos específicos produzidos no contato com o que está a nossa frente, diante dos olhos e no contato com o corpo. Conforme elucida o autor, uma coisa que é “presente” (da

---

<sup>23</sup> Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/rj/2013-07-26/fieis-se-emocionam-em-festa-de-acolhida-do-papa-e-um-dia-que-nao-vou-esquecer.html>>. Acesso em 25 jan. 2014.

forma latina *prae-essere*) estabelece uma referência espacial com o mundo e seus objetos tendo como premissa algo que é tangível e está ao nosso alcance. Assim, o uso de “produção”, no sentido de sua raiz etimológica (do latim *producere*), que quer dizer literalmente, “trazer para diante”, confere à fórmula “produção de presença” um efeito de tangibilidade sujeito, no espaço, a movimentos de maior ou menor proximidade e intensidade. Nesse sentido, produção de presença aponta para todos os tipos de eventos e processos nos quais se inicia ou se intensifica o impacto dos “objetos” presentes sobre os corpos humanos.

Considerando que, ao constituir uma ideia sobre alguma coisa presente, atenuamos inevitavelmente o impacto dessa coisa sobre nossos corpos e sentidos, a fórmula parece emergir como um instrumento conceitual alternativo ao contrapor a tendência da cultura contemporânea de abandonar uma relação com o mundo fundada na experiência vivida. No entanto, para não incorrer em dicotomias como as reproduzidas pela afirmação do *cogito* cartesiano<sup>24</sup>, Gumbrecht (2010) não condena nenhum modo de relação com o mundo que tome o sentido como ponto de partida. O autor sugere que os diferentes objetos culturais sejam concebidos como uma oscilação e às vezes, uma interferência entre os *efeitos de presença* e *efeitos de sentido* conferindo ao primeiro o foco de interesse da teoria das materialidades frente à obliteração que as dimensões que o envolvem teriam sofrido na história de estudos acerca de produção de sentido nas culturas ocidentais. Dessa forma o teórico pressupõe que todas as culturas e objetos culturais podem ser analisados considerando essas duas configurações, embora as diferentes semânticas autodescritivas acentuem com frequência apenas um ou outro aspecto. Como exemplo da simultaneidade dos efeitos, Gumbrecht faz referência à poesia para sugerir que “nem o domínio institucional mais opressivo da dimensão hermenêutica poderia reprimir totalmente os efeitos de presença da rima, da aliteração, do verso e da estrofe” (GUMBRECHT, 2010, p. 40). Apesar disso, o autor ressalta a ênfase conferida pela poesia a esses aspectos formais e convoca, frente a esse cenário, à adoção de objetos e temáticas que ampliem as possibilidades de investigação dos fenômenos a partir de uma relação com as coisas do mundo que tome a presença como ponto de partida.

---

<sup>24</sup> Gumbrecht (2010) esclarece que o adjetivo “cartesiano” refere-se ao ponto final de um movimento que se estende desde as primeiras manifestações da cultura renascentista até a revelação total do campo hermenêutico, que começou a institucionalizar na cultura ocidental moderna a prioridade da dimensão temporal sobre a espacial, numa cultura que deixaria de centrar-se numa “presença real” passando a basear-se na predominância do *cogito*. Ainda segundo o autor, a afirmação desse *cogito* se reproduziu em inúmeras dicotomias como espírito e matéria; mente e corpo; significado e significante, nas quais o primeiro polo (sentido espiritual, interpretação) sempre tem primazia e é concebido como hierarquicamente superior ao segundo (corporeidade, materialidade).



Nesse território, a noção de produção de presença se revela pertinente para pensar fenômenos em que, antes mesmo da constituição de qualquer sentido, um objeto, um efeito de tangibilidade irão tocar e afetar o corpo de uma pessoa. Momentos de intensidade que podem ser ilustrados pelo objeto de pesquisa em questão tanto nas manifestações de euforia, comoção ou até mesmo pelo silêncio<sup>25</sup> impactante mobilizado por milhares de pessoas durante a visita do papa ao Brasil. Ao fazer referência a momentos como esses Gumbrecht ressalta o apelo específico que eles exercem sobre nós ao proporcionar um nível particularmente elevado no funcionamento de algumas de nossas faculdades gerais, cognitivas, emocionais e talvez físicas. Pautadas pelo sentido de fragmentação temporal constituem ainda experiências instantâneas, para as quais não existe modo seguro de deter ou prolongar a duração, ou ainda resultado previsível ou típico que acrescente aos nossos cotidianos. Evocadas para comentar a maneira como se apresenta diante de nós a tensão entre presença e sentido, características como intensidade, articulação espacial e efemeridade são reunidas pelo pensador alemão sob o título de “epifania”, como noção que equivale a uma experiência estética, no sentido forte da palavra, como tipo de revelação, de comunicação que fissa pelo corpo sob forma de uma sensação, de uma intuição, não sendo passível de ser congelada. Como exemplo, o autor sugere ainda pensar uma bela jogada de futebol onde não podemos prever se ou quando surgirá; se surgir, como será, e que desfaz-se literalmente à medida que surge, não conferindo chance de ser capturada. Sensação semelhante ao ato de escutar uma música e ser atravessado pelo ritmo na medida em que as nuances da complexidade polifônica parecem proporcionar “ouvir na pele” os tons articulados. Sob essa ótica, os objetos passam a ser pensados na forma de momentos que afetam os sentidos do observador em experiências sinestésicas, que precedem a formação de qualquer sentido e comportam até mesmo elementos de violência e espanto, no sentido de nos ocupar e bloquear nosso corpo ao deter nossa atenção.

Com o intuito de desenvolver conceitos que nos permitam apreender os fenômenos de presença, Gumbrecht (2010) adota o recurso a culturas e discursos pré ou não-metafísicos do passado como principal estratégia para alcançar progressos. Para tanto, o autor recorre, por exemplo, ao contraste entre a cultura medieval e o início da cultura moderna para estabelecer uma tipologia binária entre “culturas de presença” e “culturas de sentido” (com a primeira mais próxima da cultura medieval e a segunda mais próxima da cultura moderna), para sugerir

---

<sup>25</sup> Durante o discurso na Missa de Acolhida em Copacabana, o Papa pediu à multidão um minuto de silêncio e oração para vítimas de um acidente na Guiana Francesa com um grupo de jovens que vinha participar da Jornada, onde uma pessoa morreu.

um repertório não exclusivamente hermenêutico de conceitos de análise cultural. Dessa forma, apesar da consideração de que todas as culturas, como configurações complexas, contêm elementos de presença e de sentido, lhe parece certo supor que alguns fenômenos culturais estão mais do lado da cultura de presença, ao passo que outros são predominantemente fundados na cultura de sentido. Entre as distinções, uma primeira é estabelecida pela autorreferência predominante em uma e outra cultura: enquanto numa cultura de sentido o pensamento (mente) ocupa esse lugar e torna implícito que os seres humanos se entendem como excêntricos ao mundo (que numa cultura de sentido, é visto consistindo exclusivamente de objetos materiais), numa cultura de presença o corpo é a autorreferência predominante, fazendo com que os seres humanos não se vejam como excêntricos ao mundo, mas considerem seus corpos como parte de uma cosmologia (ou de uma criação divina) e como parte integrante de sua existência. Outro contraste diz respeito à apreensão do conhecimento, que numa cultura de sentido só é considerado legítima se tiver sido produzida por um sujeito no ato de interpretar o mundo, com vistas a encontrar a verdade espiritual por sob ou detrás de uma superfície “puramente material”. Já numa cultura de presença o conhecimento é legítimo se for resultante da revelação e do desvelamento, proporcionado por “eventos de autorrevelação do mundo” onde o impulso nunca vem do sujeito, mas trazem à tona a substância, “que se apresenta à nossa frente, (mesmo com seu sentido inerente), sem requerer a interpretação como transformação em sentido.” (GUMBRECHT, 2010, p. 108). Conforme pondera o teórico alemão, essas oposições tornam plausível que cada cultura opere com concepções diferenciadas daquilo que se entende por signo. Enquanto numa cultura de sentido, o signo tem precisamente a estrutura metafísica proposta por Ferdinand de Saussure, condicionada pela união de um significante puramente material com um significado puramente espiritual, onde o primeiro deixa de ser imediatamente objeto de atenção quando se identifica seu sentido “subjacente”; o contraste tipológico com a cultura de presença elucida uma forma menos familiar de signo, mais próxima da definição aristotélica, segundo a qual um signo é a junção de uma substância (algo que existe no espaço) e uma forma (algo que torna possível que a substância seja percebida), o que dispensa a distinção clara entre o puramente material e o puramente espiritual. Consequentemente, nenhum dos dois lados desse conceito-signo desaparece no momento em que o sentido é assegurado. A título ilustrativo, a consideração tecida por Gumbrecht (2010) a partir de uma experiência pessoal parece contribuir para apreensão dessa definição:

um guia turístico no Japão (...) depois de me ter descrito os significados precisos, um por um, de cada uma das diferentes rochas num famoso jardim de pedras, acrescentou: ‘Mas a beleza dessas pedras também está em que elas estão sempre chegando perto do nosso corpo, sem nunca nos pressionarem.’ Um mundo assim, um mundo onde as pedras estão constantemente chegando perto e onde a verdade pode ser a substância, ou seja, o mundo da cultura de presença, é um mundo em que (...) os seres humanos querem relacionar-se com a cosmologia envolvente por meio da inscrição de si mesmos, ou seja de seus próprios corpos, nos ritmos dessa cosmologia. (GUMBRECHT, 2010, p. 108 -109).

Dentro desse contexto, o autor chama atenção ainda para o conceito de evento que, numa cultura de sentido, é inseparável do valor de inovação e, conseqüentemente, do valor de surpresa. Contudo, numa cultura de presença, a inovação equivale à saída das regularidades, mesmo das transformações e mudanças que podemos prever e esperar, mas que implicam um momento de descontinuidade. Nesse sentido, pensar uma cultura de presença implica imaginar o conceito de “eventividade” descolado da inovação e da surpresa, a exemplo da apresentação de uma orquestra, que começará a tocar a músicas que tantas vezes ouvimos, mas apesar disso, a descontinuidade que marca o momento em que se produzem os sons iniciais “atinge-nos” e atribui à experiência essa dimensão de evento, comparada a momentos onde a natureza se transforma em acontecimento, como no fenômeno de um relâmpago, que arrebatava a atenção pela “relevância imposta”. Nesse caso, “o súbito aparecimento de certos objetos de percepção desvia a nossa atenção das rotinas diárias em que estamos envolvidos e, de fato, por um momento nos separa delas” (GUMBRECHT, 2010, p.132). Movimento que parece constituir uma *stimmung* particular desencadeada por experiências de choque, caracterizadas por Benjamin (1994) como um novo tipo de experiências proporcionadas pela modernidade produzidas a partir da velocidade, de rupturas bruscas, do risco corporal e do instante – frente à atrofia de experiências de mundo proporcionadas a partir de um sentido comum, fornecido pela organização social comunitária e seus ritmos lentos e orgânicos fundados na tradição e na transmissão. Experiências que podem ser lidas por meio das sucessivas exposições de fragmentos materiais, conforme ilustrado pelo seguinte depoimento<sup>26</sup> sobre vivências experimentadas durante a Jornada Mundial da Juventude:

Hoje entrei num ESTADO DE PAZ E CONTEMPLAÇÃO interessante, por observar o pulsar juvenil dos peregrinos católicos nas ruas do Rio. E me senti estranhamente cosmopolita e globalizada. O que me lembrou o espírito desterritorializado dos ashrams da Índia, onde as pessoas usam lenços de seus países nas costas para serem identificadas por sua nação-origem. Tem sido bonito ver, desde semana passada, esses meninos e meninas da JMJ, ocupando as ruas, andando

<sup>26</sup> Crônica publicada em 25 de julho de 2013 em uma rede social pela jornalista Simone Mattos Guimarães Orlando, doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2006) e atual coordenadora do Curso de Jornalismo da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Uso do texto autorizado pela autora.

por aí com mochilas fluorescentes e bandeiras de suas terras, com seus sotaques dos mais variados, pegando barca, olhando admirados os arranha-céus do Largo da Carioca e tirando foto em frente a tudo quanto é museu e teatro. Eles cantam toda hora, conversam, se integram o tempo todo, andam em bando e de mãos dadas (e os que fazem isso nem são japoneses!). Dá vontade de se misturar com eles e ficar ali naquela galhofa furtiva! Eles têm grito de guerra e se ficarmos muito por perto pegam a gente pra guia turístico do nada... Sexta-feira, ao pedir um suco num bar, acabei ajudando umas europeias que estavam estressadas com a atendente (coitada nem foi treinada pra isso), já que ela não entendia as mímicas que faziam pra negociar o que queriam comer. Usando meu inglês macarrônico, no frigar dos ovos, acabei mediando o pedido de um prato que tivesse impreterivelmente feijão e pra beber açai (eita combinação!). Hoje ajudei uns latinos a pegar um ônibus pra Penha e eles achando que era perto da Cinelândia...quer dizer... uma maravilha!!! Mas tá ótimo, num é isso!

A espécie de referência contemporânea a flânerie - enquanto atividade que se caracteriza pelo andar ocioso, gratuito e errante daquele que se abandona às impressões da rua e extrai deste material a inspiração para a escritura - pode vislumbrar dentro da abordagem das materialidades da comunicação a ideia de um “observador de segundo grau”, discutida por Gumbrecht (1998) a partir perspectiva de que, na modernidade, o “observador torna-se inevitavelmente consciente de sua constituição corpórea” como condição complexa de sua própria percepção do mundo. Nesse sentido, o flâneur deve “encontrar-se com a multidão”, já que sua experiência é fundamentalmente uma experiência multisensorial que supõe a fricção e deslocamento corporal, através da qual ela absorve os cheiros, ruídos e eflúvios diversos da rua. Conforme elucida, Simone Pereira de Sá, a consequência imediata desta premissa é a reavaliação da atitude epistemológica tão cara ao Ocidente, que aposta na distância entre o sujeito e o objeto do conhecimento; na separação cartesiana entre corpo e espírito; e na posição hermenêutica segundo a qual a produção de sentido se dá de maneira conceitual, como “ato nascido na interioridade espiritual do sujeito”. Logo, a crítica “pós-hermenêutica” proposta por Gumbrecht parece ter em Benjamin uma sugestiva referência.

Frente à série infindável de situações e fenômenos culturais capazes de ilustrar essas tipologias binárias com alguma imaginação histórica, Gumbrecht recorre ainda a uma associação pertinente para a pesquisa em questão, ao tomar a transição entre a teologia eucarística medieval (católica) e a protestante do início da Modernidade, para marcar o contraste e explorar como uma “cultura de presença” se diferencia e tensiona uma “cultura de sentido”. No catolicismo o sacramento da eucaristia, a produção da real presença de Deus na Terra, era o ritual central da cultura medieval. De acordo com a doutrina católica, na celebração da Missa, o corpo e o sangue de Cristo se tornam realmente presentes como sacramento instituído por Jesus na Última Ceia, quando durante a refeição com seus discípulos tomou o pão, benzeu-o e disse “Tomai e comei, isto é o meu corpo” e fez o mesmo

com o cálice de vinho afirmando “Bebei dele todos, isto é meu sangue”. Um ritual por meio do qual o corpo e o sangue de Cristo podem tornar-se “realmente” e de novo presentes. Conforme Gumbrecht (2010) enfatiza, a palavra “presente” aqui não se refere apenas, nem principalmente, a uma ordem temporal. Ela quer dizer, antes, que o corpo e o sangue de Cristo se tornariam tangíveis, como substâncias, nas formas de pão e vinho, processo conhecido em linguagem teológica como transubstanciação<sup>27</sup>. Ainda explorando a reflexão do autor, o que justifica esse entendimento pré-moderno da relação entre o corpo de Cristo e o pão, e entre o sangue de Cristo e o vinho, é o conceito aristotélico de signo, que não está fundado na distinção, base do pensamento hermenêutico, entre um significante material de superfície e um sentido imaterial profundo. Ao contrário, no signo aristotélico não há uma dicotomia entre “material” e imaterial”, mas a reunião de uma substância, como aquilo que está presente porque exige um espaço, e uma forma, como aquilo que torna perceptível uma substância. Isso explica porque a expressão latina *hoc est enim corpus meum* (pois este é o meu corpo), por meio da qual a transformação da substância do pão na substância do corpo de Cristo no sacramento da eucaristia, era completamente plausível na cultura medieval. Nessa lógica, não existia qualquer conflito em que o pão fosse a “forma” que torna perceptível a “presença substancial” do corpo de Cristo, em uma perspectiva antropológica, por um ato místico por meio do qual uma substância distante no tempo e no espaço se tornava presente. As palavras de Santo Ambrósio, doutor da Igreja, explicitam com firmeza a fé da Igreja acerca desta conversão:

Estejamos bem persuadidos de que isto não é o que a natureza formou, mas o que a benção consagrou, e que a força da benção supera a da natureza, pois pela benção a própria natureza é mudada. Por acaso a palavra de Cristo, que conseguiu fazer do nada o que não existia, não poderia mudar as coisas existentes naquilo que ainda não eram? Pois não é menos dar às coisas a sua natureza primeira do que mudar a natureza delas (CIC, 1375)

Todavia, no início da era Moderna, foi precisamente essa presença que se tornou problemática na teologia protestante. Após várias décadas de intensos debates, a teologia protestante redefiniu a presença do corpo e do sangue de Cristo como sendo uma representação, uma evocação do corpo e do sangue “sentidos”. A partir daí, o sentido do corpo e do sangue de Cristo evocariam o evento da Última Ceia, sem a pretensão de torná-la

---

<sup>27</sup> O Concílio de Trento resume a fé Católica ao declarar: “Por ter Cristo, nosso Redentor, dito que aquilo que oferecia sob a espécie do pão era verdadeiramente seu Corpo, sempre se teve na Igreja esta convicção, que o santo Concílio declara novamente: pela consagração do pão e do vinho opera-se a mudança de toda substância do pão na substância do Corpo de Cristo Nosso Senhor e de toda a substância do vinho na substância do seu Sangue, esta mudança a Igreja Católica denominou-a com acerto e exatidão transubstanciação”. (CIC, 1376)

de novo presente. Dessa forma o “é” na expressão “isto é o meu corpo” passou a ser entendido como “significa” o meu corpo, uma compreensão conceitualizada pela primeira vez por Calvino, e que começa a transformar numa “distância histórica”, a distância temporal que separava cada missa e a Última Ceia. Conforme elucida Gumbrecht (2010), nesse ponto se começa a entender que existe uma relação entre a concepção emergente, especificamente moderna, de significação e a dimensão da historicidade. Nessa compreensão, pelo menos em potência, os signos ficam a alguma distância temporal e espacial das substâncias que evocam. No entanto, conforme sugere Gumbrecht, ainda que os efeitos de sentido (ou, pelo menos uma overdose deles) possam representar uma redução de momentos de presença, a intensidade de querer ser e estar ali, sem quaisquer efeitos de distância pode ser a origem da tensão entre presença e sentido.

Ao propor que a presença refere-se principalmente à sensação de ser a corporificação de algo, o teórico alemão sugere que essa distância entre nós (o sujeito) e o mundo (o objeto) pode transformar-se subitamente num estado não mediado de estar no mundo ao concentrarmos certas sensações em nossos corpos. Conforme coteja ao fazer referência a um momento marcante: “nunca me permitirei chamar a um dia de perfeito sem ter a certeza que o que foi bom nele para mim conquistou o meu corpo – ao ponto, de fato, de me dar à sensação de que, de algum modo, eu fui a corporificação daquele dia perfeito”. Um movimento que não anula nenhuma das duas faces da experiência (presença e sentido), mas confere, sobretudo, a materialidade corpórea uma forma de reagir a algumas das consequências que o predomínio exclusivo da visão de mundo cartesiana produziu, ao recuperar um modo de nos relacionarmos com as coisas do mundo a partir de efeitos específicos produzidos no contato com o que está a nossa frente, diante dos olhos e no contato com o corpo.

## 2 UMA FÉ ENCARNADA

Em 28 de fevereiro de 2014, o mundo foi surpreendido por uma notícia de grande importância para a vida da Igreja Católica, que determinaria uma reorganização da Santa Sé Apostólica<sup>28</sup>. A renúncia de Bento XVI ao pontificado foi um acontecimento raro na história, cuja última ocorrência se deu ainda no século XV, com o então Papa Gregório XII. A repercussão da decisão causou instabilidade e incerteza sobre o futuro da Igreja com a vacância do cargo máximo da instituição conferido ao Bispo de Roma, tido como sucessor do apóstolo Pedro. No entanto, frente aos inúmeros significados que a renúncia comporta, a imposição de uma materialidade física intrínseca ao acontecimento parece ter algo significativo a comunicar. Na declaração<sup>29</sup> em que anunciou sua renúncia, Bento XVI, então com 85 anos, afirmou deixar a liderança da Igreja Católica devido à idade avançada, por "não ter mais forças" para exercer as obrigações do cargo:

(...) para governar a barca de São Pedro e proclamar o Evangelho, é necessário tanto força da mente como do corpo, o que, nos últimos meses, se deteriorou em mim numa extensão em que eu tenho de reconhecer minha incapacidade de adequadamente cumprir o ministério a mim confiado.” (BENTO XVI)

Consciente da seriedade do ato, Joseph Ratzinger põe em destaque uma corporeidade fragilizada que impõe limitações concretas ao cumprimento das exigências inerentes às suas atribuições. Apesar da boa aparência, nos últimos meses do pontificado, o Papa parecia cada vez mais debilitado em suas aparições públicas, muitas vezes precisando de ajuda para caminhar. O uso de um marcapasso cardíaco também evidencia o comprometimento da saúde física do pontífice escolhido em 19 de abril de 2005, quando tinha 78 anos, 20 anos mais idoso do que seu predecessor quando foi eleito. A missão de suceder João Paulo II, um dos papas mais populares da História da Igreja, também conferiu um peso significativo à decisão de Bento XVI tendo em vista a postura de seu antecessor que se sacrificou para continuar a frente do Vaticano mesmo diante do agravamento de seu estado de saúde acompanhado por milhões de católicos do mundo todo. Um acontecimento emblemático, que marcou esse “calvário” foi registrado no domingo de Páscoa de 2005, quando o frágil estado de saúde do Papa chamou a atenção do mundo. Quando João Paulo II

<sup>28</sup> É a personificação jurídica do Vaticano que tem o Papa como seu representante supremo e religioso, ou, em outras palavras, seu chefe de Estado, de Igreja e de Governo.

<sup>29</sup> Disponível em: <[http://www.vatican.va/holy\\_father/benedict\\_xvi/speeches/2013/february/ documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20130211\\_declaratio\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/speeches/2013/february/documents/hf_ben-xvi_spe_20130211_declaratio_po.html)>. Acesso em fevereiro de 2014.

chegou à sacada de onde ele deveria se dirigir à multidão que o esperava ele não conseguiu falar. Em um determinado momento ele fez uma expressão de dor e sua voz não saía. Foi a primeira vez em seu pontificado que ele não conseguiu pronunciar a tradicional bênção *Urbi et Orbi*<sup>30</sup>. Conforme recorda o jornalista Willian Bonner<sup>31</sup>, “Foi uma das coisas mais angustiantes que a humanidade já viu, com toda certeza. E isso se deu em um momento em que as imagens percorreram o planeta na internet com rapidez brutal, e todas as TVs registraram. Era um dia especial, era domingo de Páscoa e aquela cena<sup>32</sup> foi muito forte”.

Figura 5: João Paulo II na sacada do Palácio Apostólico



<http://youtu.be/hLqCOSwlw4o>

Na quarta-feira, 30 de março, quando uma multidão de pessoas esperava para ver o Papa em frente à Basílica de São Pedro, mais um sinal de que João Paulo II estava em sofrimento. Sem conseguir pronunciar sua mensagem, ele apenas deu a bênção aos fiéis que aguardavam por suas palavras. O histórico clínico do papa apelidado “atleta de Deus”, devido a sua elogiada compleição física foi marcado por graves complicações. Três anos depois de ser eleito foi vítima de um grave atentado quando foi baleado pelo turco Mehmet Ali Agca, na Praça São Pedro, em Roma em meio a 10 mil fiéis. O papa foi atingido por três tiros. Ele precisou passar por uma cirurgia, que resultou na retirada de parte do intestino. Em 1993, sofreu uma queda durante uma audiência no Vaticano, tendo fraturado um osso do ombro. Em 1994, sofreu nova queda, quando terminava um banho no seu aposento privado, tendo fraturado o fêmur direito. Na ocasião foi implantada uma prótese de titânio em substituição a cabeça do fêmur. Ainda nos anos 90, começaram a se manifestar os sintomas da doença de Parkinson, que logo se acentuaram cada vez mais com tremores da mão esquerda, a coluna curvada e o olhar ausente. Em Março de

<sup>30</sup> Termo oriundo do latim que significa "à cidade de Roma e ao mundo". É a bênção com a qual o Papa se dirige aos fiéis por ocasião da Páscoa e do Natal, na varanda central da Basílica de São Pedro, em Roma. A principal característica é a concessão de indulgência plenária – remissão, perante Deus da pena temporal devida aos pecados cuja culpa já foi apagada – sob as condições definidas pelo direito canônico.

<sup>31</sup> Em depoimento ao acervo Memória Globo. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/coberturas/papa-joao-paulo-ii-morte/o-padecimento.htm>>. Acesso em 30 jan. 2014.

<sup>32</sup> Ver figura 5.



2002, os médicos diagnosticaram uma artrose no joelho direito, o que o obrigou a deslocar-se numa cadeira de rodas especial, a qual passou a utilizar para presidir às celebrações e outros atos. Em 2005, dois meses antes de morrer, o papa passou por duas internações de urgência, por dificuldades de respiração. Por fim, após quase uma semana de padecimento, João Paulo II faleceu na tarde de 2 de abril de 2005, em decorrência do agravamento do quadro.

Sem o intuito de promover juízo de valor sobre a escolha mais acertada, essa exposição dos acontecimentos que marcaram o ministério dos últimos pontífices da Igreja Católica parece colocar em perspectiva uma reflexão onde os corpos, entendidos em sua materialidade podem ser tomados como intermediários que produzem desvios importantes na rede. Ao chamar atenção para a agência desses gestos e encadeamentos exercidos pelas implicações físicas, que podem restringir ou possibilitar a ação das pessoas, a abordagem das materialidades da comunicação parece contribuir para revelar um potencial relacional desse arranjo propondo novos olhares sobre formas tão naturalizadas. Um investimento que requer ser inatural no sentido de produzir um deslocamento que permita voltar o olhar para onde aparentemente não há nada a ver.

## **2.1 Recuperar o corpo como objeto privilegiado**

Ao estimular a investigação das condições de possibilidade de construção de sentido ao invés de privilegiar a decodificação de um sentido já dado, um dos princípios mais significativos da teoria das materialidades, como bem descreve Karl Ludwig Pfeiffer (1994), é encarar a comunicação menos como uma troca de significados, de ideias sobre algo e mais como mais como uma performance posta em movimento por meio de significantes materializados. Nesse sentido, em função de sua importância como primeira mídia pela qual os processos de comunicação humana iniciam sua trajetória, o corpo passa a comparecer como um dado fundamental para os estudos da área, como um sistema em permanente transformação não apenas um objeto afetado pelas novas tecnologias – de transporte, trabalho, entretenimento ou comunicação - mas também um agente que intervém no curso das práticas culturais. Trata-se de pensar a materialidade corpórea não apenas no sentido da compleição física, mas, também a maneira pela qual compõe sensações diante de estímulos de diferentes naturezas. Ao se privilegiar o corpo como objeto de reflexão, busca-se

reafirmar a tese de que talvez o corpo tenha negligenciado por demais na maioria dos estudos de matriz construcionista, tendo sido tomado exclusivamente como um corpo simbólico, (re) produzido através da diversidade discursiva, condicionada pelas práticas de saber/poder, e explicado através de metodologias hermenêuticas. (CSORDAS, 1994 apud FELINTO; PEREIRA, 2005, p. 90).

A aposta está em pensar o corpo em um espaço de reflexão que o tome, não apenas como produto, mas também como agente co-produtor das práticas culturais e subjetivas. Trata-se de investigar não só as formas de afetação que novas formas de comunicação possam acionar, mas também de pensar como o corpo participa como referência determinante na produção das tecnologias de comunicação e seus códigos. Um encaminhamento onde a materialidade corpórea não está fixada, apenas, por determinantes biológicos, mas é resultado também dos movimentos da história sobre esta mesma materialidade, conforme evidenciado pelas reflexões de autores como George Simmel, Siegfried Krakauer e Walter Benjamin<sup>33</sup>, ao analisarem os impactos de todo um conjunto de estímulos sensoriais novos, inaugurados pelas grandes cidades modernas. Ao considerar o aumento da intensidade e da frequência dos estímulos sensoriais provenientes do novo ambiente urbano – tráfego, ruídos, anúncios, vitrines, ritmo de trabalho nas fábricas, velocidade das linhas de montagem, deslocamento em meio a multidões anônimas e quase sempre apressadas – a perspectiva que esses pensadores adotam em suas análises leva a pensar a modernidade não exclusivamente a partir da análise de suas dinâmicas sócio-econômicas, mas a partir de uma compreensão que toma o corpo como objeto central, pensado em suas relações de ação e de submissão a variáveis materiais, diretamente relacionadas aos sentidos, passíveis de afetação a partir do tipo, da intensidade e da frequência de estímulos que confrontem. Desse modo, ao refletirem sobre a transformação dos corpos, que afetados, passam a manifestar uma necessidade nova e urgente de estímulos, Simmel, Krakauer e Benjamin compreendem que essa materialidade participa diretamente dos modos de se ordenar e de se encaminhar práticas culturais, participando como co-agentes da transformação da própria cultura.

O investimento de privilegiar o corpo, como expressão de uma materialidade que se relaciona com tantas outras materialidades, se inspira na premissa que afirma a plausibilidade de se tomar esse suporte como primeiro e fundamental meio de comunicação, especialmente para as formas de comunicação presenciais, que requerem linguagens tais como a fala e os gestos. O corpo, nesse entendimento é a mídia original que condiciona à sua materialidade e aos seus limites percepto-cognitivos as mensagens que através dele são expressas; reflexão

<sup>33</sup> Conforme apontam Felinto e Pereira (2005), ao refletirem sobre as articulações entre corpo, choques físicos e transformações da percepção, tais autores podem ser entendidos como pensadores das materialidades *avant la lettre*.

que parece encontrar ressonância na divisa “o meio é a mensagem”, em McLuhan no sentido de que o meio modula a estética do conteúdo. Conforme entende Pereira (2006), entre os diferentes sentidos que a mensagem por trás dessa divisa possibilita, a essência sugere explorar o que um meio pode propor ao sistema corpo/mente do usuário desse meio em termos de transformações de comportamentos e de percepções, para além das mensagens simbólicas que os conteúdos veiculados por este mesmo meio possibilitariam e além, ainda da manifestação mais aparente da função de um meio. Nesse sentido, o corpo pode ser pensado como um meio específico, não exclusivamente em relação às diferentes funções que possa desempenhar ou mensagens (conteúdos) que possa promover, mas pelo conjunto de aspectos materiais que apresenta, capaz de produzir afetação pelas expressões cognitivas, estéticas, sinestésicas e comportamentais que possibilita. Pensamento que parece encontrar alguma afinidade com estudos da sociologia do corpo – enquanto capítulo da sociologia especialmente dedicado à compreensão da corporeidade humana como fenômeno social e cultural, motivo simbólico, objeto de representações e imaginários – ao sugerir que as ações que tecem a trama da vida cotidiana - das mais fúteis ou menos concretas até aquelas que ocorrem na cena pública - envolvem a mediação da corporeidade.

Conforme propõe David Le Breton, antropólogo francês expoente dessa vertente da sociologia, "antes de qualquer coisa, a existência é corporal" (LE BRETON, 2006, p. 7), logo, um corpo não é apenas suporte, mas raiz identificadora do homem, enquanto vetor de toda a relação com o mundo, não só pelo que decifra através das percepções sensoriais ou da sua afetividade, mas também pela maneira como os outros nos interpretam diante dos diferentes signos que lhes enviamos (por meio, por exemplo, da aparência, de movimentos, mímicas). Ainda que direcionado para uma perspectiva de análise centrada nas dimensões simbólicas e representações pelas quais as relações sociais são elaboradas e vivenciadas, esse ramo de estudos da corporeidade parece contribuir para reflexões que pretendem recuperar o corpo como primeiro objeto de comunicação por compreendê-lo como forma fundamental pela qual o indivíduo assimila a substância da sua vida e a traduz para os outros. Nesse ponto parece interessante convocar a conexão feita por Gumbrecht e elucidada por Felinto e Pereira (2005), entre materialidade e imaginário como apontamento de caminhos alternativos para pensar dimensões até então exploradas potencialmente por abordagens interpretativas. Ao considerar o imaginário, como uma zona prévia à estruturação de sentido, e se apropriar da tradicional distinção de Hjelmslev entre forma e substância do conteúdo e da expressão, o pensador sugere que a fascinação recente por essa temática (do imaginário) “revela o interesse pela substância do conteúdo” (GUMBRECHT, 1995, p.22). Nesse encaminhamento, o imaginário

poderia ser recrutado ao horizonte dos fenômenos de presença, pois constituiria uma matéria bruta, formada por imagens ainda não organizadas em estruturas de sentido, como algo experimentado antes de tudo pelo corpo.

Nessa perspectiva, as sensorialidades podem ajudar a entender as ações, sentimentos e respostas corpóreas que cada pessoa apresenta diante de um determinado conjunto de estímulos. Pensadas como a performance de um corpo diante de uma determinada expressão da cultura, com uma ação ressoante que se manifesta a partir de uma espécie de memória corporal, as sensorialidades atuam guiando o desempenho que o corpo apresenta frente a tais experiências e possibilitando atualizações dessa materialidade. Em outros termos, “é a capacidade de um corpo de processar sons, imagens, sinais gráficos, texturas táteis, dentre outros estímulos sensoriais” (PEREIRA, 2006, p.98) constituindo, por meio de aprendizado, um repertório de respostas relacionadas capaz de organizá-lo no contexto em questão. No entanto, como esclarece Pereira (2006), mesmo que um corpo não tenha em seu repertório um conjunto de informações a partir do qual possa atualizar suas materialidades frente à mensagem em questão, este corpo pode experimentar algum movimento em relação à mensagem, em busca de uma resposta mais adequada e de uma atualização sensorial mais plena. Compreendido como afetividade, este movimento que impulsiona o corpo na transformação de suas sensorialidades, desencadeia uma busca de melhores performances, a partir da perturbação que surge entre as materialidades do corpo e o que a mensagem e o contexto parecem demandar. Considerando o cenário midiático contemporâneo, que parece promover um novo modelo de expressão alterando aos poucos a linguagem audiovisual para uma linguagem mais complexa, agregadora de dimensões físicas em suas dinâmicas – com gramáticas que parecem se estruturar a partir, principalmente, de uma sintaxe tridimensional e multissensorial – parece pertinente pensar na elaboração dessas proposições nos processos de comunicação em curso. Num ambiente contemporâneo, marcado pelo excesso de tecnologias digitais – caracterizadas pela valorização da velocidade, convergência, simultaneidade e que parecem requerer um envolvimento sensorial maior nos processos de comunicação - um dos enfoques que o estudo das materialidades propõe, em vez de buscar identificar as mensagens em termos de conteúdos e formas, é exatamente essa busca pela compreensão de quais materialidades corpóreas e afetividades os novos estímulos/contextos requisitam. É nesse território que a noção de produção de presença pode se revelar profícua para pensar fenômenos em que, antes mesmo da constituição de qualquer sentido, um objeto, um efeito de tangibilidade irão tocar e afetar a materialidade corpórea. Frente aos encaminhamentos percorridos até aqui e ao que nos parece um momento oportuno, que pode representar uma

reforma no jeito de ser e se comunicar de uma das instituições mais influentes na sociedade, a análise da “cultura do encontro” proposta pelo Papa Francisco parece produzir conexões pertinentes com essa perspectiva que pretende recuperar o corpo enquanto primeira mídia.

## **2.2 Fé na ponta dos dedos e o estilo Bergoglio de comunicar**

Após um rápido percurso em carro fechado do aeroporto à Tijuca, o papa chegou ao Hospital São Francisco de Assis, dez minutos antes do previsto. Mais uma vez, ele manteve o vidro do automóvel aberto e acenou o tempo todo para os fiéis que se aglomeravam na rua desde muito cedo na esperança de vê-lo. Chovia no Rio, mas Francisco dispensou o guarda-chuva ao descer do veículo. Sua primeira parada foi na capela da unidade de saúde, onde foi muito aplaudido e recebido com um coro de freis franciscanos. Depois de permanecer por cerca de dez minutos na capela com outros religiosos, o papa deixou o local para se aproximar dos fiéis. Cadeirantes e pacientes do hospital o esperavam com capas de chuva, acompanhados por médicos e enfermeiros. Ele se abaixou para falar com quem não podia se levantar. Outras dezenas de pessoas disputam espaço junto às grades de isolamento e ele estendia as mãos a elas. Em um palco montado para a cerimônia em homenagem ao papa, o arcebispo do Rio, Dom Orani Tempesta, agradeceu a visita do pontífice e apresentou o novo centro de atendimento a dependentes químicos no hospital, com capacidade para atender 70 pacientes. Na sequência, jovens atendidos no hospital contaram suas histórias de superação ao papa. Apesar de dizer que não fala "brasileiro", Francisco afirmou entender tudo o que dizem e pediu que todos falassem em português. "Voltei a ser amado e aprendi a amar as pessoas. Graças a Deus e a essa instituição", contou um dos jovens, muito emocionado, para em seguida abraçar o pontífice, chorando. Logo depois, Francisco e Clara, jovens filhos de ex-dependentes químicos, entregaram ao papa uma imagem de São Francisco de Assis feita em madeira por um ex-paciente dependente químico, que está recuperado há 23 anos. O pontífice retribuiu o gesto com uma lembrança. Depois de pedir ajuda para saudar o público com um sonoro "boa noite", o papa começou seu discurso, lembrando uma passagem marcante da vida de São Francisco de Assis:

Figura 6: Papa abraça ex-dependente químico no Hospital São Francisco



Quis Deus que meus passos, depois do Santuário de Nossa Senhora Aparecida, se dirigissem para um particular santuário do sofrimento humano, que é o Hospital São Francisco de Assis. É bem conhecida a conversão do Santo Patrono de vocês: o jovem Francisco abandona riquezas e comodidades para fazer-se pobre no meio dos pobres, entende que não são as coisas, o ter, os ídolos do mundo a verdadeira riqueza e que estes não dão a verdadeira alegria, mas sim seguir a Cristo e servir aos demais; mas talvez seja menos conhecido o momento em que tudo isto se tornou concreto na sua vida: **foi quando abraçou um leproso**<sup>34</sup>. Aquele irmão sofredor foi «mediador de luz (...) para São Francisco de Assis» (Carta Enc. *Lumen fidei*, 57), porque, em cada irmão e irmã em dificuldade, nós abraçamos a carne sofredora de Cristo. Hoje, neste lugar de luta contra a dependência química, quero abraçar a cada um e cada uma de vocês - vocês que são a carne de Cristo – e pedir a Deus que encha de sentido e de esperança segura o caminho de vocês e também o meu. Abraçar, abraçar. Precisamos todos de aprender a abraçar quem passa necessidade, como fez São Francisco.” (BERGOGLIO, 2013)

Se num primeiro instante, a tradicional educação hermenêutica nos inclina à interpretação dos significados de momentos como os descritos acima, as imagens visuais suscitadas pela narrativa<sup>35</sup> imagética desses registros parece convidar a um olhar menos desatento, sobretudo para as formas significantes e repletas de materialidade presentes nessas

<sup>34</sup> Grifo nosso.

<sup>35</sup> Narrativa baseada na cobertura em tempo real da visita do Papa ao Hospital São Francisco de Assis publicada no site da revista Veja em formato de linha de tempo. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/o-papa-que-ninguem-viu>>. Acesso em 24 jan. 2014.

experiências. Conforme propõe Gumbrecht (2010), uma investigação focada nas técnicas e nos efeitos de presentificação<sup>36</sup> pode nos remeter a um conjunto de fatores que procuram transmitir o clima e proporcionar a experiência de uma determinada época ou espaço, ao remeter a *Stimmung* desse momento. Ao fazer referência à passagem da conversão de São Francisco de Assis, o Papa faz questão de enfatizar o momento decisivo em que essa conversão se tornou concreta na vida do santo, num gesto de abraçar um leproso. Anterior ao sentido simbólico há no ato o envolvimento de uma materialidade corpórea que comunica. Ao afirmar que abraçar cada pessoa em dificuldade é abraçar a “carne sofredora de Cristo” o pontífice faz referência à crença em um Deus encarnado, que através de Jesus Cristo estabelece uma relação concreta com a humanidade conforme evidenciado na passagem do Evangelho de São Marcos citada pelo papa no final do discurso. Ao ser indagado pelos homens: “quando foi que te vimos com fome e te demos de comer, com sede e te demos de beber? quando foi que te vimos peregrino e te acolhemos, nu e te vestimos? quando foi que te vimos enfermo ou na prisão e te fomos visitar? (...)” Jesus teria afirmado: “Todas as vezes que fizestes isso a um destes mais pequenos, que são meus irmãos, foi a mim que o fizestes” (Mt 25, 40). Uma dinâmica que estabelece uma relação com o sobrenatural mediada por variáveis materiais, onde o corpo participa como agente determinante.

Conforme descreve a narrativa bíblica, durante muito tempo Deus teria se manifestado por diferentes meios (voz, sarça ardente, profetas...) na história da salvação. Seria um Deus que através da criação se comunicava com o homem, mas, se tornou necessário que Ele se fizesse presente no meio da humanidade. Então, conforme professa a fé cristã, o filho de Deus teria habitado o ventre de uma jovem judia, passando por um período de gestação e, como toda criança, vem ao mundo. Assim, Deus teria se feito homem, carne, matéria, não mais como um Deus distante, mas que estaria fisicamente no meio do povo. Nessa concepção, ao mesmo tempo em que o Cristo seria inteiramente Deus, ele seria também, inteiramente homem, e essa crença parece significativa para uma abordagem material da comunicação. Jesus habitaria o campo do visível, saindo do apenas sensível. Ele poderia ser tocado, ouvido, deixando de ser mais uma figura metafísica e filosófica, mas verdadeiramente homem.

---

<sup>36</sup> Corresponde ao efeito de presença que se dá no campo da relação com o passado: “as técnicas de presentificação do passado tendem [...] a enfatizar a dimensão do espaço – pois só em exibição espacial conseguimos ter a ilusão de tocar objetos que associamos ao passado”. (GUMBRECHT, 2010, p.154).

Frente a essa premissa, um dos elementos atribuídos à força da comunicação do Papa Francisco, conforme sugere padre Antônio Spadaro<sup>37</sup>, comunicador jesuíta e diretor da *Civiltà Cattolica*<sup>38</sup> está ligado ao emprego de sua corporalidade, enquanto meio capaz produzir afetação pelas expressões que possibilita. Conforme observa o jesuíta, mais do que comunicar o Papa cria “eventos comunicativos” onde existe uma mensagem modulada pela forma como é expressa:

E a primeira forma é o seu próprio corpo. Não tem uma compostura rígida, mas uma flexibilidade que o leva a assumir uma profunda concentração absorvida, como acontece quando celebra a missa, por exemplo; ou um impulso no qual poderia dar a impressão de perder o equilíbrio (...) Exatamente assim, o Papa Francisco administra sua corporeidade, de maneira plástica, assumindo a postura que a mensagem, que quer comunicar, exige. Ele mesmo se transforma em mensagem (SPADARO, 2013)

Ainda sobre essa questão, Spadaro observa que o papa ama a normalidade e, talvez, esta seja a chave para entender os seus gestos: “As coisas que tanto nos surpreendem fazem parte de sua vida diária, como um bispo perto do povo”. Proximidade que, para Francisco, parece exatamente ligada a uma espiritualidade encarnada, que envolve o corpo enquanto realidade física potencial. Conforme evidenciado por um simples esquema de oração escrito por ele há aproximadamente quinze anos, quando ainda era arcebispo de Buenos Aires, o corpo pode ser tomado como uma variável material tão importante quanto outros objetos mediadores de experiências de fé (óleo, água benta, terço, imagens, entre outros). Ao afirmar que “a oração é a “respiração da alma”, Bergoglio sugere que com frequência as pessoas deixam de rezar por acreditarem que seja difícil se recordarem de todas as coisas pelas quais devem fazê-lo. Diante desse desafio, ele sugere: “Observe sua mão e, de modo especial, seus cinco dedos: cada um deles assinala uma intenção em particular”. Trata-se de algo muito simples que parece refletir a espontaneidade e o estilo do Papa Francisco num pequeno percurso de cinco toques “na ponta dos dedos”. Ao observar o polegar, o dedo mais próximo

<sup>37</sup> Em entrevista publicada na revista italiana *L'Espresso* em 11-09-2013. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/523765-o-papa-francisco-nao-comunica-mas-cria-eventos-comunicativos-entrevista-com-antonio-spadaro>>. Acesso em: 22 jan.2014.

<sup>38</sup> A *Civiltà Cattolica* é a mais antiga revista italiana em atividade. Foi fundada em Nápoles por um grupo de italianos jesuítas e a primeira edição foi impressa 06 de abril de 1850. A revista é publicada no primeiro e terceiro sábado do mês com um total de 24 cadernos por ano, 2.500 páginas, em quatro volumes. Apresenta artigos de formação e conteúdos teológico, filosófico, moral, social, político e literário. Logo após a visita ao Brasil o Papa concedeu uma entrevista ao padre Spadaro, diretor da publicação, ao longo de três encontros, onde abordou diferentes temas. Texto disponível em: <[http://www.vatican.va/holy\\_father/francesco/speeches/2013/september/documents/papa-francesco\\_20130921\\_intervista-spadaro\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/francesco/speeches/2013/september/documents/papa-francesco_20130921_intervista-spadaro_po.html)> Acesso em: 12 fev.2014.



do corpo, o sacerdote sugere que os fiéis comecem rezando pelas pessoas mais próximas, as quais são lembradas facilmente, à medida que pedir por elas seria uma “doce obrigação”. Com o segundo dedo, conhecido como indicador, ele propõe uma associação com aqueles que ensinam, educam e curam: mestres, professores, médicos e sacerdotes. Nas palavras de Bergoglio, “eles têm necessidade de apoio e sabedoria para indicar aos outros o caminho justo”. Ainda segundo o esquema, o dedo seguinte e mais alto, o médio, faz referência aos governantes, presidente, parlamentares, empreendedores e administradores que dirigem o destino dos países e conduzem a opinião pública e que teriam “necessidade da guia de Deus”. O quarto dedo, o anular, reconhecido como o dedo mais frágil recordaria a necessidade de rezar pelos fracos, que têm muitos problemas a enfrentar ou que estão angustiados por conta de doenças. Conforme reflete a proposta “Eles têm necessidade das orações dia e noite, pois elas nunca serão demais”. Por ser o dedo em que os casais costumam usar as alianças, sinais convencionais de compromisso, o dedo anular também convidaria a pedir por eles. Por último, o dedo mínimo, o menor de todos, é associado à oração por si mesmo, já que nas palavras do pontífice “somente quando houver rezado por todos os outros, poderá ver na justa perspectiva as suas necessidades e rezar melhor por si mesmo”. Dessa forma, a mão é tomada como mediadora de uma experiência, onde o corpo é a autorreferência predominante, podendo ser considerada, segundo a acepção de Latour (2005), como um intermediário (mais ligado a ideia de meio) tão importante quanto qualquer outro agente simbólico ou espiritual que propõe relações dentro do conjunto de elementos em negociação nessa rede.

Nessa perspectiva, ao propor um deslocamento que pleiteia um olhar mais atento às interações promovidas pelos diferentes atores a “sociologia das associações”, ou Teoria Ator-Rede apresenta pontos de associação com as propostas apresentadas pela Teoria das Materialidades, ao reivindicar que fragmentos materiais, deixem de ser apenas “pano de fundo” da ação humana podendo ser tomados como agentes tão significativos quanto qualquer outro. Ao defender a ideia de que todos os fenômenos são efeitos de redes que mesclam simetricamente, dados naturais e sociais que reivindicam igual tratamento sob um mesmo arcabouço de análise, a aposta estaria em esgotar um objeto por meio de sua descrição, colocando em perspectiva a tradição moderna ocidental que adota a hermenêutica, na interpretação de textos e imagens, como fonte primordial de obtenção do conhecimento e método legítimo de seu fazer científico. A descrição feita através da prática de “seguir os atores” (LATOUR, 2005, p.27) propõe deixá-los falar sem traduções, sem adaptações, sem intermediários, sem fazer sombra neles de tanta luz de outras teorias e pensamentos e sem o excesso de interpretação. Pela descrição seria possível acompanhar o desenrolar de um

emaranhado de fios, que formam uma rede, uma teia, onde cada ligação é responsável pela sustentação da rede em si, onde cada ponto de rede é um ator que faz agir. Latour (2005) sugere que a grande vantagem de visitar processos está na chance de “meter os pés” na cozinha dos fatos, já que é nesses ambientes que os principais actantes<sup>39</sup>, porta-vozes e respectivas conexões ganham mais visibilidade. Com foco nos mediadores e atenção aos desvios, caminhos e circuitos que eles costumam, sem deter-se a nenhuma explicação que reporte a uma dimensão de profundidade, mas rastreie tais pistas por meio de uma cartografia Pedro (2008) aponta que o processo descritivo deve, minimamente:

- 1) Buscar uma porta de entrada – É preciso encontrar uma forma de “entrar na rede (...) e, de algum modo, participar de sua dinâmica. 2) Identificar os porta-vozes – (...) é preciso identificar aqueles que “falam pela rede”, e que acabam por sintetizar a expressão de outros actantes (...), não se pode deixar de tentar buscar as ‘vozes discordantes’ (...). 3) Acessar os dispositivos de inscrição, ou seja, tudo o que possibilite uma exposição visual (...) e que possibilitam ‘objetivar a rede’; 4) Mapear as ligações da rede – Trata-se aqui de delinear as relações que se estabelecem entre os diversos atores e nós que compõem a rede. Envolve as múltiplas traduções produzidas pelos atores, ressaltando-se suas articulações, em especial: os efeitos de sinergia ou de cooperação na rede; os efeitos de encadeamento ou de repercussão da rede; as cristalizações ou limitações da rede. (PEDRO, 2008, p. 12)

Nesse contexto, frente ao desafio de observar a complexidade de fenômenos de comunicação tomando como pressuposto a tensão entre presença e sentido, a fertilidade do diálogo entre as teorias parece estar em propor uma reflexão sobre a necessidade de pensar e tratar esses fenômenos a partir de princípios e procedimentos que permitam que o caráter híbrido dos acontecimentos seja apreendido de forma mais efetiva.

---

<sup>39</sup> Definido por Latour (2005) como qualquer pessoa, instituição ou coisa que tenha agência e produza efeito no mundo. Não é a natureza da entidade que define de antemão quem é ator (tem agência) em uma rede. Aquele que recebe essa atribuição precisa ser responsável por algum desvio, deslocamento na trajetória da ação, seja ele humano ou não humano.

### 3 “ÁGUA NO FEIJÃO”: UMA EXPERIÊNCIA DE DIMENSÕES MATERIAIS

Centrado no diálogo direto, simples, intuitivo e encarnado em seus sorrisos, abraços e gestos, o magistério comunicacional de Francisco parece servir de bússola a indicar caminhos, que levem a compreensão do que ele propõe como uma autêntica “cultura do encontro” que, conforme afirmado anteriormente, elege como primazia o contato pessoal, capaz de tocar efetivamente as pessoas. Com uma linguagem imagética, pontuada pelo uso frequente de metáforas que acionam substituições analógicas ao utilizar elementos concretos, comuns à realidade do interlocutor, o estilo Bergoglio de comunicar parece corresponder a um movimento de proximidade, ao intensificar o impacto da mensagem sobre as pessoas por estabelecer uma referência espacial com o mundo e seus objetos tendo como premissa algo que é tangível e está ao alcance. Como ilustra o depoimento, construído também a base de metáforas, concedido a Rubin e Ambrogetti (2010) ainda enquanto arcebispo da Argentina, Francisco acredita que

Uma Igreja que se limita a administrar o trabalho paroquial, que vive trancada em sua comunidade, é igual a uma pessoa presa: atrofia-se física e mentalmente. Ou se deteriora como um quarto fechado, onde o mofo e a umidade se espalham. Uma Igreja autorreferencial é a mesma coisa que uma pessoa autorreferencial: fica paranoica, autista. É verdade que, ao sair à rua, pode acontecer o mesmo a qualquer um: acidentar-se. Mas prefiro mil vezes uma Igreja acidentada a uma Igreja doente. Em outras palavras, acredito que uma Igreja que se reduz ao administrativo, a conservar seu pequeno rebanho, é uma Igreja que, com o tempo, adocece. O pastor que se tranca não é um verdadeiro pastor de ovelhas, e sim um ‘escovador’ de ovelhas, que passa o tempo fazendo cachinhos nelas em vez de buscar outras. (BERGOGLIO, 2013)

Conforme questiona Sbardelotto (2013), tendo em vista o serviço a essa cultura, qual seria o papel da comunicação? E, a partir do exemplo do papa, quais são as dinâmicas e as lógicas comunicacionais ativadas por essa proposta? Ou ainda, em que medida a presença do Papa no Rio coloca essa questão? Retomar seus inúmeros e surpreendentes gestos e palavras renderia análises para anos de pesquisa. No entanto, considerando, os investimentos já empreendidos nos capítulos anteriores a partir de uma abordagem não linear do objeto de pesquisa, nos deteremos a partir de agora sobre três momentos específicos da visita ao Brasil que parecem colocar em evidencia (seja por meio de discursos, expressões visuais ou táteis) uma forma de comunicar, que privilegia a experiência adquirida através dos corpos, do ambiente físico e da interação com objetos. Por fim, considerando as contribuições da Teoria Ator-Rede (TAR), ao propor que, em determinada ação, atores humanos e não-humanos estão

envolvidos na produção da experiência espera-se contribuir para o desenvolvimento de análises mais complexas que evidenciem processos de mediação que conectam sujeitos, lugares e objetos.

Frente ainda às inúmeras possibilidades de pesquisa e ao entendimento preconizado por Gumbrecht (2010) de que os objetos culturais sejam concebidos como uma oscilação e, às vezes, uma interferência entre os *efeitos de presença* e *efeitos de sentido* (conferindo ao primeiro o foco de interesse da teoria das materialidades frente à obliteração que as dimensões que o envolvem teriam sofrido na história de estudos acerca de produção de sentido nas culturas ocidentais) parece significativo ratificar que os caminhos propostos pela investigação levam em conta esse pressuposto. A aposta está em dar ênfase a vetores de experiências e efeitos de tangibilidade observados nesses eventos comunicativos, considerando sempre que é impossível fazer uma descrição puramente material já que mesmo os fenômenos mais inclinados à dimensão da presença não excluem a dimensão do sentido e descrever, em alguma medida, já imprime interpretação. Conforme expõe Hanke (2005) “(...) qualquer metodologia nas ciências humanas que inicia a investigação na materialidade deve alcançar o nível da interpretação, e vive-versa, a interpretação tem que considerar as condições materiais de produção de sentido” (HANKE, 2005, p. 8). Dessa forma, a busca pelo reconhecimento de fenômenos, enquanto objetos de nossa percepção e nossa memória, que tendem a se tornar independentes daquilo que poderíamos interpretar neles, encontra sintonia com requisição proposta por Gumbrecht (2010) de que, em sociedades onde o significado é maior que a presença, parece pertinente observar que esta tende a se manifestar por diferentes meios visando “equilibrar a balança”.

### 3.1 “*Esta es la juventud del Papa*”

Ao som do coro que ecoou pelas ruas do Rio de Janeiro e que se tornou um símbolo da Jornada Mundial da Juventude, os cerca de cinco mil jovens argentinos credenciados para participar do encontro com o Papa entraram na Catedral Metropolitana, no Centro do Rio, depois de enfrentar horas em uma imensa fila. “*Esta es la juventud del Papa*” entoavam os peregrinos em espanhol, língua materna do pontífice. Apesar do frio e da chuva, muitos chegaram bem cedo na esperança de estar com Francisco: “Chegamos em grupo às 4h da manhã. Não estava chovendo, mas para ver o Papa vale qualquer sacrifício” disse Maria

Valentina Moreira, de Santa Fé em entrevista a um portal de notícias<sup>40</sup>. Mesmo os que ficaram do lado de fora pareciam dispostos, “Estamos aqui com muita emoção. Não importa a chuva, mas vamos conseguir vê-lo passando e isso basta”, disse Marcela Salinas, que veio de Rosário, em depoimento ao mesmo portal. Reconhecendo os esforços, o Papa Francisco iniciou o discurso agradecendo aos conterrâneos: “Obrigado! Obrigado pela presença! Obrigado por terem vindo! Obrigado aqueles que estão cá dentro! E muito obrigado aqueles que ficaram lá fora, aos trinta mil – dizem-me – que estão lá fora. Lhes saúdo daqui. Estão a chuva...Obrigado pelo gesto de virem ter comigo”. Em seguida, no tom de conversa e usando analogias peculiares a seu estilo de comunicar, Bergoglio revelou aos jovens a consequência que esperava da JMJ, “espero que façam barulho. Aqui farão barulho, sem dúvida. Aqui, no Rio, farão barulho, farão certamente. Mas eu quero que se façam ouvir também nas dioceses, quero que saiam, quero que a Igreja saia pelas estradas (...)”, fazendo novamente um apelo a uma Igreja missionária, que vá ao encontro dos outros.

Ao referir-se a temas, que a princípio podem ser considerados densos, como as exigências da fé postas em contraponto ao relativismo religioso<sup>41</sup>, Francisco fez uso mais uma vez de uma forma metafórica, que parece portar conexões concretas com elementos comuns ao universo do interlocutor:

A fé em Jesus Cristo não é uma brincadeira; é uma coisa muito séria (...) Por favor, não “espremam” a fé em Jesus Cristo. Há a espremedura de laranja, há a espremedura de maçã, há a espremedura de banana, mas, por favor, não bebam ‘espremedura’ de fé. A fé é integral, não se espreme. É a fé em Jesus. É a fé no Filho de Deus feito homem (...). (BERGOGLIO, 2013)

Se levarmos adiante a reflexão sobre essa analogia, ainda no terreno das hipóteses, a observação dessas formas a partir dos referenciais das materialidades parece contribuir para uma compreensão enriquecida da relação entre significante e significado ao sugerir que os sentidos do signo material podem não ser totalmente definidos por suas propriedades físicas,

<sup>40</sup> Entrevista concedida ao portal de notícias Terra. Disponível em <<http://noticias.terra.com.br/brasil/papa-francisco-no-brasil/papa-francisco-se-encontra-com-jovens-argentinos-no-rio,74635705f7610410VgnVCM20000099cceb0aRCRD.html>>. Acesso em 19 jan. 2014.

<sup>41</sup> O pensamento relativista, que se manifesta primariamente no âmbito filosófico e religioso, afirma em definitivo, que nenhum dos sistemas conceituais ou religiosos teria, sob qualquer aspecto, um valor absoluto de verdade. Em diversas ocasiões o papa emérito, Bento XVI manifestou a convicção de que o relativismo tem se convertido num problema central para a fé cristã na atualidade. Em uma delas, em 18 de abril de 2005, na homília da Santa Missa preparatória do conclave que o elegeu, ele expôs: “O ter uma fé clara, segundo o Credo da Igreja, é, muitas vezes, rotulado como fundamentalismo. Entrementes, o relativismo ou o deixar-se levar para cá e para lá por qualquer vento de doutrina aparece como orientação única à altura dos tempos atuais. Constitui-se assim uma ditadura do relativismo, que nada reconhece de definitivo e deixa como último critério o próprio eu e suas veleidades”.

mas estas fornecem condições importantes que isso aconteça. Ao considerar que nosso sistema conceitual é baseado em nossa experiência de mundo, incluindo a experiência adquirida através de nossos corpos, do ambiente físico e da interação com objetos, parece plausível pensar que a imagem da “espremedura” e as efetivas memórias que essa forma é capaz de suscitar produzam efeitos na comunicação. Conforme exposto em primeira consideração no capítulo 1, ao empreender uma pesquisa arqueológica em que demonstra que uma boa parte do sentido cultural das ferramentas, utensílios domésticos, moradias e mesmo os materiais que constituem o solo é adquirida através da experiência, do contato físico com o mundo e não através de uma determinação convencionada, Boivin (2008) coteja que o poder das metáforas materiais residiria nesse entendimento não-linguístico do mundo, ainda que a necessidade de uma interpretação simbólica mantenha-se forte nas ciências:

Em muitos casos, ideias e entendimentos culturais não precedem, são, antes, estimulados a surgir pelo mundo material e pelo engajamento humano com ele. Como a relação entre significantes e significados materiais, a relação entre coisas como ambiente material, tecnologias e corpos e complexos sistemas culturais de símbolos como cosmologias e construções sociais está também longe de ser arbitrária. (BOIVIN, 2008, p. 47)

Fundamentados pela experiência, os sentidos seriam motivados pelas propriedades materiais do mundo sensível e constituídos não como combinações significativas, mas como metáforas. Conforme elucida Tomas D. Erickson, as “metáforas funcionam como modelos naturais, nos permitindo pegar nossos conhecimentos sobre objetos e experiências familiares, concretas, e usá-las para estruturar conceitos mais abstratos” (ERICKSON, 1996, p. 66). Embora o catolicismo, (assim como quase todas as outras manifestações religiosas) numa perspectiva geral, sempre tenha tratado a dimensão da matéria e do corpo como preâmbulos àquilo que realmente interessa - a existência futura dos espíritos no mundo celestial que seria o destino final dos salvos – o uso de expressões e os gestos que recuperam uma relação com as “coisas do mundo” pode apontar para possíveis adequações de postura em um cenário de declínio da cultura hermenêutica. Dessa forma, mesmo diante de uma inclinação à observação do sentido ligado à interpretação da mensagem, como na reflexão produzida por Dom Ceslau Stanula<sup>42</sup>, bispo diocesano da Bahia, ao ponderar que no mundo atual muitos não aceitariam a fé integral por conveniência e ao optar por uma fé espremida, sem renúncias, esqueceriam que “Não só o suco de laranja faz bem à saúde, mas também o bagaço, que serve ao organismo para estimular o melhor funcionamento do intestino”; o olhar para a materialidade do discurso

<sup>42</sup> Artigo publicado no portal Agora. Disponível em: <<http://www.agora-online.com.br/colunas/voz-que-clama/6624-%E2%80%9Cn%C3%A3o-espremam-a-f%C3%A9-espremeda, sem renúncias, esqueceriam que>>. Acesso em 19 jan. 2014.

parece destacar um efeito de presença produzido pela metáfora, anterior a qualquer tipo de concessão de significado. Ainda recuperando Gumbrecht (2010), ao fazer referência a uma dimensão espacial de nossa existência o componente de “presença” em potencial nessas formas parece inerente ao contato que elas proporcionam com as coisas do mundo.

### 3.2 Caminho da cruz

Entregue aos jovens pelo Papa João Paulo II em 1984, uma cruz de madeira de 3,8 metros, colocada como símbolo da fé católica perto do altar principal na Basílica de São Pedro durante o período intitulado “Ano da Redenção” (Semana Santa de 1983 à Semana Santa de 1984) se tornaria um dos símbolos das Jornadas Mundiais da Juventude. Desde então, a cruz peregrinou pelo mundo, através da Europa, além da Cortina de Ferro e para locais das Américas, Ásia, África e Austrália, estando presente em cada celebração internacional da Jornada Mundial da Juventude. Em 1994, a cruz passou a ser referência de um ciclo que, desde então, se tornou uma tradição: a jornada anual pelas dioceses do país sede de cada JMJ internacional, como um meio de preparação para o grande evento. Em 2003 junto com ela passou a peregrinar também o Ícone de Nossa Senhora. Assim, nos dois anos que antecederam a realização da JMJ no Brasil, os símbolos peregrinaram, pela primeira vez, por todo país e também pelos vizinhos do Cone Sul, através de um projeto denominado “Bote fé” que mobilizou a Igreja, o poder público e a sociedade civil numa extensa programação. Segundo a organização do movimento, centenas de cidades em mais de duzentas dioceses foram visitadas pelos símbolos recebidos em paróquias, escolas, presídios, hospitais, comunidades terapêuticas, lixões, praias, favelas, quartéis, rios, conventos e aldeias indígenas. Na base da cruz, carregada por milhares de fiéis durante esse período, está gravada em uma placa de metal a mensagem do Papa João Paulo II aos jovens por ocasião da entrega do símbolo: “Meus queridos jovens, na conclusão do Ano Santo, eu confio a vocês o sinal deste Ano Jubilar: a Cruz de Cristo! Carreguem-na pelo mundo como um símbolo do amor de Cristo pela humanidade (...)”. O itinerário que começou em São Paulo, em setembro de 2011 contemplou extremos geográficos e requisitou o empenho de meios de transportes terrestres, aéreos e marítimos para ser completado. Em agosto de 2012, por exemplo, os símbolos chegaram à prelazia de Lábrea, no Amazonas, sendo recebidos pela juventude ribeirinha. Alguns jovens viajaram mais de oito dias de barco para vivenciar essa experiência. Após a

acolhida da cruz e do ícone no aeroporto foi realizada uma carreata por várias comunidades da cidade e a noite foi celebrada uma Missa às margens do Rio Purus. Em outra ocasião, no encerramento do “Bote fê” em Belém, no Pará, em outubro de 2012, sessenta mil jovens, segundo estimativa da arquidiocese local, participaram da romaria que percorreu 4,5 quilômetros, numa caminhada de 4h. Ao longo do caminho, os jovens se revezavam para carregar a cruz. Já o Ícone de Nossa Senhora foi conduzido em uma embarcação característica da região, utilizada todos os anos para recolher as promessas dos peregrinos que participam do Círio de Nazaré, sempre no segundo domingo de outubro. Após peregrinar por todo país, os símbolos chegaram ao estado do Rio de Janeiro em abril de 2013, sendo recebidos na cidade de Itatiaia no sul do estado, aonde centenas de pessoas conduziram a cruz e o ícone até o estádio da cidade onde foi celebrada uma Missa pelo então arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Orani João Tempesta, recém nomeado cardeal pelo Papa Francisco.

Figura 7: Mapa com o itinerário dos símbolos da JMJ 2013



Durante todo o percurso, as imagens<sup>43</sup> das pequenas e grandes aglomerações formadas para receber os símbolos e a repercussão que esses encontros tiveram na mídia garantiram à Jornada o *status* de megaevento compreendido na acepção de Freitas (2011) como um tipo de intervenção que altera sobremaneira o cotidiano da população e do local onde é realizado estabelecendo uma rede de comunicação urbana criada especialmente para esse momento. Além de não se restringem ao tempo de sua duração, por começarem muito antes de seu início

<sup>43</sup> Ver figuras 7 e 8. Imagens publicadas no hotsite Bote fê criado, por ocasião da JMJ, pelo movimento jovens conectados da Comissão para a Juventude da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Disponíveis respectivamente em: <<http://www.jovensconectados.org.br/60-mil-jovens-participam-de-romaria-que-encerrou-bote-fe-belem.html>>, e <<http://www.jovensconectados.org.br/bote-fe-labrea-am-foi-experiencia-de-fe-e-missao-juvenil.html>>. Acessos em 20 fev. 2014.



e terminarem muito após o seu encerramento, os megaventos potencializam o envolvimento da sociedade em torno desse acontecimento, “com as modificações que acontecem no trânsito; o funcionamento dos transportes públicos; do comércio; a alteração na interação dos indivíduos entre si, bem como um olhar mais feliz e carinhoso da cidade” (FORTUNA, 2013, p.7) enquanto reverberações de um fenômeno social-midiático.

Dentro do referencial das materialidades, a efervescência e a atmosfera que se cria na cidade quando da realização de um megaevento, parecem estimular ainda o desenvolvimento de uma capacidade de apreciação e fruição sinestésica das experiências que o constituem, enquanto tipos de acontecimentos nos quais se inicia ou se intensifica o impacto de “objetos” presentes sobre os corpos humanos. Nessas ocasiões, conforme evidenciam Freitas e Fortuna (2009) desfruta-se de uma sociabilidade desenvolvida especialmente em momentos festivos onde “entra em cena um homem plural que se alimenta de múltiplas identificações e quer perder-se num conjunto mais amplo de sensações.” (FREITAS; FORTUNA, 2009, p.111).

Figuras 8 e 9: Cruz Peregrina em Belém, no Pará e Lábrea, no Amazonas.



Frente à série de situações capazes de ilustrar essa percepção, a encenação da Via Sacra<sup>44</sup>, um dos atos centrais da Jornada Mundial da Juventude, acompanhada por um milhão e meio de pessoas na Praia de Copacabana, apresenta alguns referenciais significativos que parecem corroborar essas proposições. Ao enfrentar o frio, a chuva e divisão do espaço entre as grades de proteção, que demarcavam um corredor entre o público e os treze palcos, além do principal, montados ao longo da orla, a multidão de peregrinos presentes na praia fez mais uma vez uma experiência fundamentalmente multisensorial, que supõe a fricção e o deslocamento corporal como requisito para experimentar o acontecimento e absorver os sons,

<sup>44</sup> Exercício espiritual proposto pelo catolicismo como percurso para meditação dos momentos atribuídos aos últimos passos de Jesus Cristo em Jerusalém até a morte no Calvário. A Via Sacra, ou *Via Crucis*, é praticada de forma mais intensa durante a Quaresma, período em que os fiéis são convidados a meditar sobre os quarenta dias que Jesus teria passado no deserto antes de ser julgado e condenado; e na Semana Santa, quando procissões reverberam a tradição.

cheiros e estímulos de ordem sensorial que emanam dessa experiência. Conforme consideração tecida por Simone Pereira de Sá, apresentada no primeiro capítulo, de forma concreta, o olhar sob essa perspectiva sugere a revalidação da atitude epistemológica tão cara ao Ocidente, que aposta na distância entre sujeito e o objeto do conhecimento, na separação cartesiana entre corpo e espírito e na posição hermenêutica segundo a qual a produção de sentido se dá de maneira conceitual, como “ato nascido na interioridade espiritual do sujeito”. Ainda segundo propõe o pensamento das materialidades, “esses resultados vão depender, pelo menos em parte, dos objetos de fascínio que começaram por ativá-los e evocá-los.” (GUMBRECHT, 2010, p. 130).

Conforme evidenciado pela mídia, o espetáculo dirigido por Ulissez Cruz, diretor artístico responsável pela produção de shows de grande porte como o Criança Esperança da TV Globo, contou com uma grande estrutura para reproduzir, segundo a tradição católica, as 15 estações que fazem referência ao caminho de Jesus Cristo até o Calvário, desde a condenação até a morte. Foram montados, além do principal, 13 palcos de oito metros de altura ao longo do canteiro central da Avenida Atlântica aonde foram encenadas as estações. Com roteiro elaborado para provocar a atenção e envolvimento do público, a apresentação contou com recursos como elevadores hidráulicos, talhas elétricas, fumaça, efeitos de LED, fogos de artifício e efeitos especiais. Toda a encenação foi sonorizada na língua portuguesa e transmitida em mais de 20 telões gigantes espalhados pela praia. Conforme definiu o próprio diretor artístico<sup>45</sup>, a proposta foi “tratar a via-sacra como um elemento dramático, explorando todos os recursos visuais, desde a interpretação dos voluntários aos cenários” criando um evento para ser acompanhado por todo tipo de público, onde cada estação foi retratada como uma espécie de quadro impressionista<sup>46</sup>, para emocionar e fazer com que o público refletisse sobre os valores cristãos.

A cenografia, inspirada no barroco mineiro e português, além de recordar um pouco da história do teatro mundial, pôs em destaque estátuas-vivas que representaram o Cristo durante as estações da Via-Sacra. Utilizando técnicas de maquiagem que incluem camadas de látex e

---

<sup>45</sup> Em entrevista concedida ao portal de notícias do jornal O Globo. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/rio/copacabana-sera-palco-de-via-sacra-durante-jornada-mundial-da-juventude-8205548>>. Acesso em 20 fev. 2014.

<sup>46</sup> A referência à arte impressionista parece proporcionar algum diálogo com as materialidades, ao evidenciar em suas bases a disposição de efeitos óticos e acústicos ao lado da combinação dos diferentes dados dos sentidos. Na Literatura, a principal característica impressionista relaciona-se à presença de aspectos sinestésicos e metafóricos, tais como a sugestão de imagens e a impressão de atmosferas. Conforme elucidada Arnold Hausser, “Antes do impressionismo, a arte reproduzia os objetos por meio de sinais. Agora representa-os por meio de seus componentes, por parte do material de que são feitos” (Hausser, 1995, p. 1051).

resina, os atores enfrentaram mais de 3 horas de caracterização e chegaram a ficar entre 8 e 15 minutos na mesma posição durante as cenas. A título de experiência estética, o impacto proposto pelo espetáculo, parece estabelecer alguma relação com a ideia de “epifania”, como noção que equivale a uma experiência estética no sentido forte da palavra, como um tipo de comunicação que fisga pelo corpo sob forma de uma sensação, que comporta até mesmo elementos de espanto, no sentido de ocupar e bloquear o corpo ao deter a atenção. Um movimento, conforme afirmado anteriormente, que não anula nenhuma das duas faces da experiência (presença e sentido), mas confere, sobretudo a materialidade corpórea uma forma de recuperar um modo de nos relacionarmos com as coisas do mundo a partir dos efeitos específicos produzidos no contato com o que está a nossa frente, diante dos olhos e no contato com o corpo.

Figura 10: Estátuas-vivas em uma das estações encenadas



Figura 11: Atores que interpretaram Jesus Cristo na Via Sacra



A cruz peregrina, que viajou pelo país desde 2011, teve destaque durante o espetáculo como a figura central de toda a encenação. Para conduzir o símbolo ao longo da orla foi feito um cortejo composto por coroinhas de várias paróquias do Rio de Janeiro. Trinta jovens, chamados de guardas de honra da Cruz, representaram todas as etnias do mundo e se revezaram carregando o símbolo, acompanhados por sessenta jovens da Marinha do Brasil que fizeram a proteção do cortejo e por 200 jovens que carregaram as bandeiras de seus países. No final da Via-Sacra, no discurso<sup>47</sup> feito no palco principal, ao referir-se ao percurso feito pela cruz, o Papa Francisco lembrou o pedido de João Paulo II para que os jovens levassem a cruz pelo mundo e sugeriu que ao percorrer tantos continentes e realidades

<sup>47</sup> Ver anexo B.

da existência humana o “objeto” tenha ficado impregnado com as situações de vida de tantos jovens que a viram e carregaram:

Figura 12: Cruz peregrina em destaque na Via-Sacra



Figura 13: Jovens carregaram o símbolo até o palco central



Ninguém pode tocar a cruz de Jesus sem deixar algo de si mesmo nela e sem trazer algo da cruz de Jesus para sua própria vida. Nesta tarde, acompanhando o Senhor, queria que ressoassem três perguntas nos seus corações: O que vocês terão deixado na cruz, queridos jovens brasileiros, nestes dois anos em que ela atravessou seu imenso País? E o que terá deixado a cruz de Jesus em cada um de vocês? E, finalmente, o que esta cruz ensina para a nossa vida? (BERGOGLIO, 2013)

Ainda que o discurso religioso remeta a busca de uma verdade espiritual por detrás de uma superfície “puramente” material associada a uma experiências de fé, parece legítimo atentar para o apelo específico, anterior ao sentido, que esses objeto podem exercer sobre os corpos ao, por vezes, proporcionar um nível particularmente elevado no funcionamento de algumas faculdades gerais, cognitivas, emocionais e, no caso em questão, até mesmo físicas. Nesse ponto, recuperar a noção de produção de presença, em Gumbrecht (2010), pode representar um repertório não exclusivamente hermenêutico de análise que procure focalizar (ou tente focalizar na medida em que se empreendam tentativas nessa direção), os “significantes materiais que parecem estar permeados por significados específicos, e assim se transformam em significantes cuja materialidade extrapola a função de meramente carregar um significado” (GUMBRECHT, 2007, p.62). Nesse contexto, ainda que a elaboração dos discursos em questão seja conduzida com vistas à interpretação de um sentido espiritual das analogias produzidas, mais uma vez a referências a superfícies concretas, para as quais já existe um padrão de respostas adquirido por nossas sensorialidades parece potencializar os efeitos de presença da mensagem à medida que recupera essas sensações. A essa altura, parece profícuo retomar a definição de signo aristotélica, apresentada no capítulo 1, segundo a qual, um signo é uma junção de uma substância (algo que existe no espaço) e uma forma

(algo que torna possível que a substância seja percebida) o que dispensa a distinção clara entre o puramente material e o puramente espiritual. Conseqüentemente, nenhum dos dois lados desse conceito-signo desaparece no momento em que o sentido é assegurado. Assim, ao fazer referência à cruz, enquanto objeto de culto religioso, o que confere um sentido transcendente à dimensão material, o discurso não abole o impacto dessa materialidade sobre os corpos expostos à experiência descrita. Dessa forma, ao tomar esses efeitos de presença como ponto de partida, Gumbrecht (2010) propõe evidenciar essas relações com as “coisas do mundo”, sujeitas a movimentos de maior ou menor intensidade, que comportem algum efeito de tangibilidade.

### 3.3 Cercania

Ao longo de toda jornada uma cena se tornou frequente durante os momentos de contato do Papa Francisco com o povo, principalmente durante os trajetos percorridos no “papamóvel”. Repetidas vezes ao avistar crianças no meio da multidão, o pontífice se dirigiu a elas impondo uma das mãos, gesto característico no catolicismo atribuído a concessão de bênçãos. Em algumas ocasiões, crianças foram levadas por seguranças até o Papa que as acolhia com sorrisos e as tocava, despertando a euforia dos peregrinos. Uma dessas cenas foi protagonizada pelo pequeno Miguel, de 1 ano, filho do casal Priscila e Rafael Morani. A fotografia retirada no momento em que o Papa tocou o menino erguido por um segurança ganhou repercussão na internet e foi eleita a imagem mais marcante da jornada em uma votação realizada por um grande portal<sup>48</sup> de notícias.

Figura 14: “Miguel, Miguel!”



<http://youtu.be/bUbyWfXY8Xs>

<sup>48</sup> Ver enquete disponível em <<http://noticias.uol.com.br/album/2013/07/29/qual-e-a-imagem-mais-marcante-da-jmj-vote.htm>>. Acesso em 20 fev. 2014.

Um vídeo <sup>49</sup> gravado pelo pai do menino também registrou o encontro e o envolvimento dos peregrinos no evento. Um momento que, observado a partir dos referências das materialidades, parece certo supor, identifica-se predominantemente com um fenômeno fundado na presença. Ao retomar as considerações feitas por Gumbrecht (2010) com o intuito de desenvolver conceitos que nos permitam apreender esses fenômenos a partir de distinções estabelecidas com elementos predominantes em culturas de sentido, parece possível embasar essa hipótese. Enquanto autorreferência predominante em uma cultura de presença, os corpos aparecem em evidência no momento em análise, quando todo o envolvimento dessas materialidades é requisitado como meio privilegiado para fruição da experiência. A sonoridade criada pela repetição do nome “Miguel, Miguel”, o gesto de erguer a criança, o contato do Papa como o menino, o regresso dele aos braços da mãe constituem momentos de intensidade mediados efetivamente por materialidades corpóreas. Comparado a momentos onde a natureza se transforma em acontecimento, como no fenômeno de um relâmpago, que arrebatava a atenção pela “relevância imposta”, a descontinuidade que marca a cena também parece corresponder à noção de experiência de choque, que ao afetar os sentidos por meio de estímulos sinestésicos precede a formação de qualquer sentido e comporta até mesmo elementos de espanto, no sentido de bloquear os corpos ao deter a atenção. Ainda a partir das referências evocadas para comentar a maneira como se apresenta a tensão entre presença e sentido, como caminho sugestivo para identificação de fenômenos onde predominam um outro efeito, o evento parece ilustrar um exemplo de “epifania”, como tipo de comunicação que fisga pelo corpo sob forma de uma sensação, não sendo passível de ser congelada, para a qual não existe modo seguro de deter ou prolongar a duração. Complementando, a proposta de agregar à pesquisa uma descrição que não se detenha a explicações que reportem a alguma dimensão mais profunda, mas que aponte pistas no rastreamento dos diferentes agentes (humanos, materiais e simbólicos) em negociação mesmo diante do fenômeno social mais óbvio, o depoimento feito pela mãe da criança, Priscilla Morani, parece contribuir para ilustrar, sob essa ótica, a experiência vivenciada pela família:

“Era sexta-feira. Desde quarta na casa da minha avó assistindo a JMJ pela TV. Rafael estava receoso de sair, pois Miguel estava ficando resfriado e a semana estava fria. Saímos de casa para dar um passeio pela orla de Copacabana por volta de uma da tarde, queríamos passear sem a multidão, pois no dia anterior não conseguimos nem caminhar. Fomos

---

<sup>49</sup> Ver figura 14.

passeando pelas estações da Via Sacra, quando minha mãe e uma prima dela voltaram ao apartamento para buscar umas coisas e resolvemos procurar um lugar com sombra para ficar com o Miguel que estava no carrinho. Encontramos um espaço vazio, para exatamente eu, meu esposo e o bebê entre os peregrinos que já esperavam o Papa às duas da tarde sentados na calçada. Ao nosso lado havia um grupo de argentinos e do outro (um grupo) de americanos e italianos. Minha mãe iria trazer o almoço e ligamos para trazer uma roupa de frio para o bebê e água porque decidimos ficar para ver a Via Sacra. Tínhamos saído com fruta e o almoço dele, mas não iríamos ficar por muito tempo e estava um sol lindo quando saímos de casa, mas a experiência da semana nos dizia que a noite seria frio. Ficamos ali conversando com os argentinos e nada da Via Sacra começar, meu filho dormiu, acordou, e nada da Via Sacra começar. Minha mãe chegou. Almoçamos e ficamos ali conversando e todos começaram a dizer : ‘Nossa! Esse bebê é muito lindo, o Papa tem que pegá-lo!’ Foi quando começaram a chegar os voluntários que fariam um cordão de isolamento na orla (junto a com as barras de proteção que já estavam lá). Todos se encantavam com Miguel. Ficamos ali conversando com os voluntários também quando surgiu entre eles a ideia para que todos gritassem pelo Papa para que ele pegasse o Miguel. Mais pessoas começavam a chegar, e à medida que chegavam, estávamos sendo prensados na barra de proteção. Foi então que me deixaram pular a barra de proteção ficando ao lado dos voluntários (neste momento Rafael pensou: ‘Com os Argentinos ao nosso lado e agora a Priscilla mais perto da Papa... é hoje’) E foi o que aconteceu... Quando avistamos o Papa na estação anterior, todos (americanos, brasileiros, italianos e argentinos) gritaram: Miguel, Miguel, Miguel... O Papa já estava passando, o coração apertando, eu levantando o Miguel o mais alto que podia, ele não vai parar... Quando em instantes o Papa pede para o motorista parar e o segurança vem pegá-lo. Ele primeiro reza por ele e beija sua testa. Meu filho voltou todo risonho, dando gargalhada, vibramos tanto... depois da loucura valeu o prêmio. Uma benção sem igual... Algo inesperado pois saímos de casa para ver a Via Sacra, a qual acabamos não assistimos, pois ao final nos deparamos com uma orla tomada de gente. Ter nosso Filho abençoado enche nosso coração de alegria. Foi lindo ver todos se unindo para que ele recebesse essa graça”.

Figura 15: Foto eleita a imagem mais marcante da JMJ



Por fim, os momentos analisados parecem evidenciar pistas que respaldam, em alguma medida, as hipóteses sugeridas para a compreensão do encantamento produzido pela forma de comunicar adotada pelo Papa Francisco. Após um ano de pontificado, conforme apontam os números do período, a audiência das atividades promovidas pelo Vaticano mais que quadruplicou e os acessos às redes sociais oficiais da Igreja dispararam. Neste período, até o fim de fevereiro de 2014, foram 38 audiências gerais, às quartas-feiras, tendo, em média, 50 mil peregrinos em cada encontro; uma viagem apostólica internacional ao Brasil, que reuniu mais de 3 milhões de peregrinos e três viagens em território italiano; 149 discursos, 252 homilias e nove visitas pastorais às paróquias romanas. A esses números, unem-se ainda uma Encíclica, uma Exortação Apostólica, quatro *Motus Proprios*<sup>50</sup>, 36 cartas apostólicas, a criação de uma Secretaria para a Economia e um número incontável de ligações em resposta às correspondências que ele recebe diariamente. Em setembro de 2013, uma dessas ligações foi para o editor-chefe do jornal italiano La Repubblica, Eugenio Scalfaro, confessamente ateu para convidá-lo para um encontro, após o jornalista ter publicado uma série de perguntas que gostaria de fazer ao papa, sem, no entanto, esperar que ele as lesse. As respostas<sup>51</sup> às perguntas do editor-chefe, assim como a descrição do encontro entre os dois, foram publicadas no jornal. Ainda no final de 2013, Bergoglio foi escolhido como personalidade do ano pela revista Times e também pela revista The Advocate, especializada na defesa dos direitos dos homossexuais, o que demonstra um reconhecimento de sua figura por diferentes setores da sociedade. Nesses termos, a grande atenção mobilizada por Francisco parece ter algo a indicar sobre o potencial de uma linguagem que agregue dimensões físicas, onde o “encontro” é tomado como uma a categoria chave desse magistério.

<sup>50</sup> É uma das espécies normativas da Igreja Católica, expedido diretamente pelo próprio Papa, para manifestar o seu consentimento sobre determinado assunto.

<sup>51</sup> Ver no anexo C a íntegra da carta enviada pelo Papa Francisco ao fundador e ex-diretor do jornal italiano "La Repubblica".



## CONSIDERAÇÕES

Diante de um cenário no qual tentamos apreender a dinâmica dos fenômenos de comunicação, na intensidade, efemeridade, fragmentação e velocidade de seus processos, o condicionamento da maior parte dos discursos da área a metodologias essencialmente interpretativas parece requisitar investimentos em tentativas de investigação capazes de dar conta da complexidade que constitui as diferentes linguagens e gramáticas contemporâneas. Ao propor que há mais lugar para a dimensão material do que o comumente ocupado por ela, a abordagem das materialidades parece sugerir novas maneiras de pensar o mundo material ao considerar a experiência sensorial requerida pelos acontecimentos e a demanda de um engajamento corpóreo na apreensão dos estímulos que emanam dessas interações.

Nesse encaminhamento, como propõe Pereira (2008), as inspirações oferecidas por áreas até então distantes do campo da comunicação podem começar a fazer sentido, ao evidenciar articulações entre agentes inscritos pela tradição hermenêutica em dicotomias como as estabelecidas entre matéria e espírito, sujeito e objeto. Baseado na pesquisa médica e na ciência cognitiva, Damásio (2003 apud BOIVIN, 2010) elucida, por exemplo, que estudos do funcionamento do cérebro começam a desafiar a noção de que emoção se opõe a razão, já que emoção seria inerentemente racional ao estar ligada a fabricação de organismos mais adeptos a responder as mudanças ambientais e a desafios. Um modelo que nos parece interessante pelo que tem a dizer sobre o material, ao cotejar como os objetos podem elucidar uma resposta emocional e como a emoção pode ser crucial para compreensão do papel que os objetos e ambientes tem nos assuntos humanos, especialmente em processos de memória, identidade e personalidade. Dentro da mesma perspectiva, ao questionar a orientação do próprio trabalho arqueológico centrado na decodificação de sentidos de um complexo código simbólico que vigora em uma pequena vila rural da Índia, Boivin (2010) sugere que se tivesse a oportunidade de refazer sua pesquisa faria perguntas não apenas sobre o significado das coisas, mas sobre o que as pessoas sentiam e estaria mais atenta às experiências proporcionadas pela oportunidade da vivência naquele espaço. Nessa concepção seria impossível entender o papel do mundo material sem dar a devida consideração para a variedade de maneiras pelas quais ele é experimentado. Instigados por esse desafio, procuramos a partir da observação de um fenômeno concreto problematizar esse deslocamento ao empreender uma tentativa de leitura mais atenta à dimensão material que constitui o objeto em questão.

A partir desse referencial, ao observar alguns dos momentos de intensidade registrados durante a visita do Papa Francisco ao Brasil nos parece certo supor que a proposta da “cultura do encontro”, à qual o pontífice faz recorrentes referências e procura promover, comporta um potencial significativo de fenômenos de presença ao exigir esforços concretos, de implicações físicas e dimensões materiais onde estímulos e efeitos se intensificam sobre os corpos. Conforme corrobora a sugestão de Spadaro (2013), um dos elementos atribuídos à força da comunicação do Papa Francisco estaria ligado diretamente ao emprego de sua corporalidade, enquanto meio capaz de produzir afetação pelas expressões que possibilita. Se levarmos em conta apontamentos, como os baseados em estudos médicos, que consideram os encadeamentos gerados em um organismo por gestos como o de um abraço, que segundo especialistas, facilitariam a liberação de substâncias como endorfina e oscitocina, conhecidos como os hormônios do bem estar e do amor, respectivamente, ajudando a diminuir a pressão arterial, o estresse e a ansiedade, parece plausível pensar que o impacto produzido por essa cultura, que elege como primazia o contato pessoal é acionado, pelo menos em parte por componentes materiais. Ainda nesse contexto, a repercussão gerada na mídia e mobilização das pessoas em torno das iniciativas de “encontro” promovidas pelo Papa parecem subsidiar a compreensão do desejo de presença, enquanto experiência que recupera uma dimensão espacial de nossa existência, como sintoma de uma possível reação a um ambiente cotidiano que se tornou predominante cartesiano ao longo dos últimos séculos.

Frente ao constante e acelerado desenvolvimento de tecnologias de entretenimento e comunicação que requisitam um maior engajamento corporal como meio privilegiado para fruição de experiências sinestésicas, a valorização de linguagens e gramáticas de comunicação que recuperem essa mediação, seja por meio de plataformas avançadas ou de formas presenciais naturalizadas como a fala e os gestos, parece elucidar um movimento como se todas as esferas da sociedade demandassem cada vez mais a inclusão nos discursos e mensagens de elementos e efeitos capazes de provocarem um envolvimento físico, o que, por sua vez não seria algo exatamente novo. Conforme pontua Pereira (2013), novo seria o conjunto de práticas e setores da sociedade que abraçam essa linguagem, como a religião.

Por fim, tendo em vista as restrições temporais e o caráter exploratório adquirido pela pesquisa, reforçamos a consideração feita no final do capítulo 2, onde inspirados por Latour (2010) supomos que a grande vantagem de visitar processos como os descritos pela pesquisa está em “meter os pés” na cozinha dos fatos, já que é nesses ambientes que os principais actantes e respectivas conexões ganham mais visibilidade. Ao percorrer esse itinerário pretendemos contribuir para a área ao suscitar reflexões sobre a complexidade dos processos

de comunicação tendo em vista os encadeamentos produzidos pelos diferentes elementos em negociação nessas interações. Conforme sugere Gumbrecht (2010), se o confronto com a complexidade, porém, é que torna específico o ensino acadêmico, então – em vez de obsessivamente atribuímos sentido e, por essa via, oferecermos soluções – deveríamos, o mais possível, procurar uma prática de ensino na modalidade da experiência vivida, que se concentre em “problemas não resolvidos”, em estilos intelectuais diferenciados, só secundariamente dedicados à tarefa de transmitir “conhecimento estável e inquestionável”. Resta-nos assim a coragem para nos expor a problemas não resolvidos e a trajetórias intelectuais imprevisíveis.

## REFERÊNCIAS

AMBROGETTI, Francesca; RUBIN, Sergio. *O papa Francisco: conversas com Jorge Bergoglio*. Tradução Sandra Martha Dolinsky. 1. ed. Campinas, São Paulo: Verus, 2013.

BERGOGLIO, Jorge Mario. Entrevista exclusiva concedida ao jornalista Gerson Camarotti. *Globo News*, Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DO9HnYLYVqE>>. Acesso em 26 out. 2013.

\_\_\_\_\_. *Civiltá Cattolica*, Itália. Entrevista concedida ao padre jesuíta e diretor da publicação Antônio Spadaro. Disponível em: <[http://www.vatican.va/holy\\_father/francesco/speeches/2013/september/documents/papa-francesco\\_20130921\\_intervista-spadaro\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/francesco/speeches/2013/september/documents/papa-francesco_20130921_intervista-spadaro_po.html)>. Acesso em 22 jan. 2014.

BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 1994.(Obras Escolhidas; v.1)

BOIVIN, Nicole. *Material Cultures, Material Minds: The Impact of Things on Human Thought, Society and Evolution*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. p. 83-128.

BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada*: edição Pastoral-Catequética. São Paulo, 2003.

BONNER, Willian. Entrevista ao acervo Memória Globo. Disponível em: <<http://youtu.be/hLqCOSwIw4o>>. Acesso em: 25 jan.2014.

CIC. Português. *Catecismo da Igreja Católica, edição típica Vaticana*. São Paulo: Loyola, 2000.

ERICKSON, Thomas D. Working with interface metaphors. In: LAUREL, Brenda (org.). *The art of human-computer interface design*. 10. ed. Reading: Addison – Wesley, 1996.

FELINTO, Erick; PEREIRA, Vinícius de Andrade. A vida dos objetos: um diálogo com o pensamento da materialidade da comunicação. *Revista Contemporânea*, v. III, n. 1, p. 75-94, jan.-jun. 2005.

FORTUNA, Vânia Oliveira. Cidade e Megaeventos: Espetáculo midiático, explosão de sentidos. In: CONGRESSO DE ESTUDANTES DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, 4., 2013, Rio de Janeiro,. *Anais*. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <[http://www.coneco.uff.br/sites/default/files/institucional/cidade\\_e\\_megaeventos.pdf](http://www.coneco.uff.br/sites/default/files/institucional/cidade_e_megaeventos.pdf)>. Acesso em 13 de jan. 2014.

FREITAS, Ricardo; FORTUNA, Vânia. O Rio de Janeiro continua lindo, o Rio de Janeiro continua sendo um grande palco de megaeventos. In: FREITAS, R.; BORELLI, S. H. S. (Orgs.) *Comunicação Narrativas e culturas urbanas*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-SP. 2009. p.99-117.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. *A Modernização dos Sentidos*. São Paulo: Ed. 34, 1998

\_\_\_\_\_. *Elogio da beleza atlética*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

\_\_\_\_\_. O Campo Não Hermenêutico e Adeus à Interpretação. *Cadernos da Pós*. Rio de Janeiro, n. 5, 1995.

\_\_\_\_\_. *Produção de presença: o que o sentido não consegue transmitir*. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC-Rio, 2010.

HANKE, Michael. Materialidade da Comunicação: um conceito para a Ciência da Comunicação? In: ENCONTRO DOS NÚCLEOS DE PESQUISA DA INTERCOM, 5., 2005, Rio de Janeiro. *Anais*. Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <file:///D:/Users/Fabr%C3%ADcio/Documents/Downloads/522-1456-1-PB.pdf>. Acesso em janeiro de 2014.

HAUSER, Arnold. *História social da arte e da literatura*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

JORNAL HOJE. *Trecho da matéria sobre a chegada do Papa ao Brasil*. Disponível em: <<http://youtu.be/qTElszbBaPw>>. Acesso em: 12 jan. 2014.

LATOURETTE, B. *Reassembling the Social: na Introduction to Actor-Network-Theory*. Oxford University Press, 2005.

LE BRETON, David. *A sociologia do corpo*. Petrópolis: Vozes, 2006.

MORANI, Priscila. *Vídeo do Papa e Miguel*. Mensagem recebida por <[joicreis@hotmail.com](mailto:joicreis@hotmail.com)> . Acesso em: 7 de fev. 2014.

NUNES, José. Teologia da Missão: Notas e perspectivas. 2008. (Obras Missionárias Pontifícias). Disponível em: <[http://www.snpcultura.org/projecto\\_cultural\\_definicao\\_inculturacao.html](http://www.snpcultura.org/projecto_cultural_definicao_inculturacao.html)> Acesso em: 15 de fev. 2014.

ORLANDO, Simone Mattos Guimarães. Crônica publicada no Facebook. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <[https://www.facebook.com/simone.orlando.731/posts/10200972462686466?stream\\_ref=10](https://www.facebook.com/simone.orlando.731/posts/10200972462686466?stream_ref=10)>. Acesso em 22 set. 2013.

PEDRO, R. M. L. R. Redes e Controvérsias: ferramentas para uma cartografia da dinâmica psicossocial. In: ESOCITE – JORNADAS LATINO-AMERICANAS DE ESTUDOS SOCIAIS DAS CIÊNCIAS E DAS TECNOLOGIAS, 7., 2008, Rio de Janeiro. *Anais*. Rio de Janeiro, 2008.

PEREIRA, Vinicius de Andrade. G.A.M.E.S .2.0 Gêneros e Gramáticas de Arranjos e Ambientes Midiáticos Mediadores de Experiências de Entretenimento, Sociabilidades e Sensorialidades. In: ENCONTRO DA COMPÓS, UNIP, 17. , junho de 2008, São Paulo. *Anais*. São Paulo, 2008. Disponível em: <[http://www.compos.org.br/data/biblioteca\\_294.pdf](http://www.compos.org.br/data/biblioteca_294.pdf)>. Acesso em: 26 de out.2013.

PEREIRA, Vinicius de Andrade. Entretenimento como Linguagem e Multissensorialidade na Comunicação Contemporânea. In: ENCONTRO DOS GRUPOS DE PESQUISAS EM COMUNICAÇÃO, 13. , setembro 2013, Manaus. *Anais*. Manaus, 2013.

\_\_\_\_\_. Marshall McLuhan, o conceito de determinismo tecnológico e os estudos dos meios de comunicação contemporâneos. *UNIrevista*, v. I , n. 3, p. 9, julho de 2006.

PFEIFFER, Karl Ludwig. The materiality of communication. In: GUMBRECHT, H.U.; PFEIFFER, K. L. *Materialities of communication*. Stanford, California: Standord University Press, 1994. p.1-12.

RATZINGER, Joseph. *Declaração de Bento XVI sobre a renúncia*. Disponível em: <[http://www.vatican.va/holy\\_father/benedict\\_xvi/speeches/2013/february/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20130211\\_declaratio\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/speeches/2013/february/documents/hf_ben-xvi_spe_20130211_declaratio_po.html)>. Acesso em 12 fev. 2014.

SPADARO, Antônio. *Papa Francesco non “comunica”, ma crea “eventi comunicativi”. A proposito della lettera a Eugenio Scalfari*. Itália, 2013. Tradução de André Langer. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/523765-o-papa-francisco-nao-comunica-mas-cria-eventos-comunicativos-entrevista-com-antonio-spadaro>>. Acesso em: 22 jan.2014.

SBARDELOTTO, Moisés. *A comunicação do Papa Francisco e a "cultura do encontro": das palavras aos gestos, 2013*. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/525507-a-comunicacao-do-papa-francisco-e-a-cultura-do-encontro-das-palavras-aos-gestos>>. Acesso em: 22 jan.2014.

UMA JORNADA de Esperança. *Cobertura completa da JMJ*. Som Livre: 2013. DVD duplo (300 min): Dolby Digital 2.0.

**ANEXO A - Discurso do Papa durante a cerimônia de boas-vindas no Palácio da Guanabara**

Rio de Janeiro, Segunda-feira, 22 de Julho de 2013

Senhora Presidenta, Ilustres Autoridades, Irmãos e amigos!

Quis Deus na sua amorosa providência que a primeira viagem internacional do meu Pontificado me consentisse voltar à amada América Latina, precisamente ao Brasil, nação que se gloria de seus sólidos laços com a Sé Apostólica e dos profundos sentimentos de fé e amizade que sempre a uniram de modo singular ao Sucessor de Pedro. Dou graças a Deus pela sua benignidade.

Aprendi que para ter acesso ao Povo Brasileiro, é preciso ingressar pelo portal do seu imenso coração; por isso permitam-me que nesta hora eu possa bater delicadamente a esta porta. Peço licença para entrar e transcorrer esta semana com vocês. Não tenho ouro nem prata, mas trago o que de mais precioso me foi dado: Jesus Cristo! Venho em seu Nome, para alimentar a chama de amor fraterno que arde em cada coração; e desejo que chegue a todos e a cada um a minha saudação: *“A paz de Cristo esteja com vocês!”*

Saúdo com deferência a Senhora Presidenta e os ilustres membros do seu Governo. Obrigado pelo seu generoso acolhimento e por suas palavras que externaram a alegria dos brasileiros pela minha presença em sua Pátria. Cumprimento também o Senhor Governador deste Estado, que amavelmente nos recebe na Sede do Governo, e o Senhor Prefeito do Rio de Janeiro, bem como os Membros do Corpo Diplomático acreditado junto ao Governo Brasileiro, as demais Autoridades presentes e todos quantos se prodigalizaram para tornar realidade esta minha visita.

Quero dirigir uma palavra de afeto aos meus irmãos no Episcopado, sobre quem pousa a tarefa de guiar o Rebanho de Deus neste imenso País, e às suas amadas Igrejas Particulares. Esta minha visita outra coisa não quer senão continuar a missão pastoral própria do Bispo de Roma de confirmar os seus irmãos na Fé em Cristo, de animá-los a testemunhar as razões da Esperança que d’Ele vem e de incentivá-los a oferecer a todos as inesgotáveis riquezas do seu Amor.

O motivo principal da minha presença no Brasil, como é sabido, transcende as suas fronteiras. Vim para a Jornada Mundial da Juventude. Vim para encontrar os jovens que vieram de todo o mundo, atraídos pelos braços abertos do Cristo Redentor. Eles querem agasalhar-se no seu abraço para, junto de seu Coração, ouvir de novo o seu potente e claro chamado: *«Ide e fazei discípulos entre todas as nações»*.

Estes jovens provêm dos diversos continentes, falam línguas diferentes, são portadores de variegadas culturas e, todavia, em Cristo encontram as respostas para suas mais altas e comuns aspirações e podem saciar a fome de verdade límpida e de amor autêntico que os irmanem para além de toda diversidade.

Cristo abre espaço para eles, pois sabe que energia alguma pode ser mais potente que aquela que se desprende do coração dos jovens quando conquistados pela experiência da sua amizade. Cristo “bota fé” nos jovens e confia-lhes o futuro de sua própria causa: “*Ide, fazei discípulos*”. Ide para além das fronteiras do que é humanamente possível e criem um mundo de irmãos. Também os jovens “botam fé” em Cristo. Eles não têm medo de arriscar a única vida que possuem porque sabem que não serão desiludidos.

Ao iniciar esta minha visita ao Brasil, tenho consciência de que, ao dirigir-me aos jovens, falarei às suas famílias, às suas comunidades eclesiais e nacionais de origem, às sociedades nas quais estão inseridos, aos homens e às mulheres dos quais, em grande medida, depende o futuro destas novas gerações.

Os pais usam dizer por aqui: “*os filhos são a menina dos nossos olhos*”. Que bela expressão da sabedoria brasileira que aplica aos jovens a imagem da pupila dos olhos, janela pela qual entra a luz regalando-nos o milagre da visão! O que vai ser de nós, se não tomarmos conta dos nossos olhos? Como haveremos de seguir em frente? O meu auspício é que, nesta semana, cada um de nós se deixe interpelar por esta desafiadora pergunta.

E atenção! A juventude é a janela pela qual o futuro entra no mundo. É a janela e, por isso, nos impõe grandes desafios. A nossa geração se demonstrará à altura da promessa contida em cada jovem quando souber abrir-lhe espaço. Isso significa: tutelar as condições materiais e imateriais para o seu pleno desenvolvimento; oferecer a ele fundamentos sólidos, sobre os quais construir a vida; garantir-lhe segurança e educação para que se torne aquilo que ele pode ser; transmitir-lhe valores duradouros pelos quais a vida mereça ser vivida, assegurar-lhe um horizonte transcendente que responda à sede de felicidade autêntica, suscitando nele a criatividade do bem; entregar-lhe a herança de um mundo que corresponda à medida da vida humana; despertar nele as melhores potencialidades para que seja sujeito do próprio amanhã e corresponsável do destino de todos. Com essas atitudes precedemos hoje o futuro que entra pela janela dos jovens.

Concluindo, peço a todos a delicadeza da atenção e, se possível, a necessária empatia para estabelecer um diálogo de amigos. Nesta hora, os braços do Papa se alargam para abraçar a inteira nação brasileira, na sua complexa riqueza humana, cultural e religiosa. Desde a Amazônia até os pampas, dos sertões até o Pantanal, dos vilarejos até as metrópoles, ninguém



se sinta excluído do afeto do Papa. Depois de amanhã, se Deus quiser, tenho em mente recordar-lhes todos a Nossa Senhora Aparecida, invocando sua proteção materna sobre seus lares e famílias. Desde já a todos abençoô. Obrigado pelo acolhimento!

**ANEXO B** - Discurso do Papa na Via Sacra com os jovens em Copacabana

Rio de Janeiro, Sexta-feira, 26 de Julho de 2013

Queridos jovens,

Vimos hoje acompanhar Jesus no seu caminho de dor e de amor, o caminho da Cruz, que é um dos momentos fortes da Jornada Mundial da Juventude. No final do Ano Santo da Redenção, o Bem-aventurado João Paulo II quis confiar a Cruz a vocês, jovens, dizendo-lhes: «Levai-a pelo mundo, como sinal do amor de Jesus pela humanidade e anunciai a todos que só em Cristo morto e ressuscitado há salvação e redenção» (*Palavras aos jovens* [22 de abril de 1984]: *Insegnamenti* VII,1 (1984), 1105). A partir de então a Cruz percorreu todos os continentes e atravessou os mais variados mundos da existência humana, ficando quase que impregnada com as situações de vida de tantos jovens que a viram e carregaram. Queridos irmãos, ninguém pode tocar a Cruz de Jesus sem deixar algo de si mesmo nela e sem trazer algo da Cruz de Jesus para sua própria vida. Nesta tarde, acompanhando o Senhor, queria que ressoassem três perguntas nos seus corações: O que vocês terão deixado na Cruz, queridos jovens brasileiros, nestes dois anos em que ela atravessou seu imenso País? E o que terá deixado a Cruz de Jesus em cada um de vocês? E, finalmente, o que esta Cruz ensina para a nossa vida?

Uma antiga tradição da Igreja de Roma conta que o Apóstolo Pedro, saindo da cidade para escapar da perseguição do Imperador Nero, viu que Jesus caminhava na direção oposta e, admirado, lhe perguntou: «Para onde vais, Senhor?». E a resposta de Jesus foi: «Vou a Roma para ser crucificado outra vez». Naquele momento, Pedro entendeu que devia seguir o Senhor com coragem até o fim, mas entendeu sobretudo que nunca estava sozinho no caminho; com ele, sempre estava aquele Jesus que o amara até o ponto de morrer. Olhem! Jesus, com a sua cruz, atravessa os nossos caminhos e carrega os nossos medos, os nossos problemas, os nossos sofrimentos, mesmo os mais profundos. Com a Cruz, Jesus se une ao silêncio das vítimas da violência, que já não podem clamar, sobretudo os inocentes e indefesos; na Cruz Jesus se une às famílias que passam por dificuldades, e as que choram a trágica perda de seus filhos, como no caso dos 242 jovens vítimas do incêndio na cidade de Santa Maria nos princípios deste ano. Rezemos por eles. Na Cruz Jesus se une a todas as pessoas que passam fome, num mundo que entretanto se permite o luxo de todos os dias jogar fora toneladas de comida; na Cruz, Jesus está unido a tantas mães e pais que sofrem vendo os seus filhos vítimas de paraísos artificiais como a droga; na Cruz Jesus se une a quem é perseguido pela

religião, pelas ideias, ou simplesmente pela cor da pele; na Cruz Jesus está unido a tantos jovens que perderam a confiança nas instituições políticas, por verem o egoísmo e a corrupção, ou que perderam a fé na Igreja, e até mesmo em Deus, pela incoerência de cristãos e de ministros do Evangelho. Quanto fazem sofrer Jesus as nossas incoerências! Na Cruz de Cristo, está o sofrimento, o pecado do homem, o nosso também, e Ele acolhe tudo com seus braços abertos, carrega nas suas costas as nossas cruces e nos diz: Coragem! Você não está sozinho a levá-la! Eu a levo com você. Eu venci a morte e vim para lhe dar esperança, dar-lhe vida (cf. *Jo* 3, 16).

Agora podemos responder à segunda pergunta: o que foi que a Cruz deixou naqueles que a viram, e naqueles que a tocaram? O que deixa a Cruz em cada um de nós? Olhem! Deixa um bem que ninguém mais pode nos dar: a certeza do amor fiel de Deus por nós. Um amor tão grande que entra no nosso pecado e o perdoa, entra no nosso sofrimento e nos dá a força para poder levá-lo, entra também na morte para derrotá-la e nos salvar. Na Cruz de Cristo, está todo o amor de Deus, está a sua imensa misericórdia. E este é um amor em que podemos confiar, em que podemos crer. Queridos jovens, confiemos em Jesus, abandonemo-nos a Ele (cf. Carta enc. *Lumen fidei*, 16), porque nunca desilude ninguém! Só em Cristo morto e ressuscitado encontramos a salvação e a redenção. Com Ele, o mal, o sofrimento e a morte não têm a última palavra, porque Ele nos dá a esperança e a vida: transformou a Cruz, deixando de ser um instrumento de ódio, de derrota, e de morte, para ser um sinal de amor, de vitória, de triunfo e de vida.

O primeiro nome dado ao Brasil foi justamente o de «Terra de Santa Cruz». A Cruz de Cristo foi plantada não só na praia, há mais de cinco séculos, mas também na história, no coração e na vida do povo brasileiro e em muitos outros povos: o Cristo sofredor, sentimo-lo próximo, como um de nós que compartilha o nosso caminho até o final. Não há cruz, por pequena ou grande que seja, da nossa vida que o Senhor não venha compartilhar conosco.

Mas a Cruz de Cristo convida também a deixar-nos contagiar por este amor; ensina-nos, pois, a olhar sempre para o outro com misericórdia e amor, sobretudo quem sofre, quem tem necessidade de ajuda, quem espera uma palavra, um gesto; a Cruz nos convida a sair de nós mesmos para ir ao encontro destas pessoas e lhes estender a mão. Tantos rostos — acabamos de vê-los na *Via-Sacra* — acompanharam Jesus no caminho para o Calvário: Pilatos, o Cireneu, Maria, as mulheres... Hoje eu lhe pergunto: Com qual deles você quer parecer-se? Quer ser como Pilatos que não teve a coragem de ir contra a corrente para salvar a vida de Jesus, lavando-se as mãos. Diga-me: você é um daqueles que lava-se as mãos, faz de conta que não viu e olha para o outro lado? Ou é como o Cireneu, que ajuda Jesus levar

aquele madeiro pesado, como Maria e as outras mulheres, que não tiveram medo de acompanhar Jesus até o final, com amor, com ternura. E você qual destes quer ser? Como Pilatos, como o Cireneu, como Maria? Agora Jesus está olhando para você e lhe diz: Quer ajudar-me a carregar a Cruz? Irmãos e irmãs, com toda a sua força de jovem, que lhe respondem?

Queridos jovens, levamos as nossas alegrias, os nossos sofrimentos, os nossos fracassos para a Cruz de Cristo; encontraremos um Coração aberto que nos compreende, perdoa, ama e pede para levar este mesmo amor para a nossa vida, para amar cada irmão e irmã com este mesmo amor.

### ANEXO C - Carta enviada ao fundador do jornal italiano "La Repubblica"

Ilustríssimo Doutor Scalfari, é com viva cordialidade que, embora somente em grandes linhas, gostaria de tentar com esta minha, responder à carta que, das páginas do 'La Repubblica', o senhor quis me endereçar em 7 de julho com uma série de reflexões pessoais suas, que depois as enriqueceu nas páginas do mesmo jornal, no dia 7 de agosto.

Agradeço-lhe, antes de tudo, pela atenção com que quis ler a Encíclica *Lumen fidei*. Ela, de fato, na intenção do meu amado predecessor, Bento XVI, que a concebeu e em grande medida a redigiu, e do qual, com gratidão, eu a herdei, é dirigida não somente para confirmar na fé em Jesus Cristo aqueles que nela já se reconhecem, mas também para suscitar um diálogo sincero e rigoroso com aqueles que, como o senhor, se definem como "um não crente há muitos anos interessado e fascinado pela pregação de Jesus de Nazaré".

Parece-me, portanto, ser positivo não só para nós, individualmente, mas também para a sociedade em que vivemos determo-nos para dialogar sobre uma realidade tão importante como a fé, que diz respeito à pregação e à figura de Jesus. Penso, particularmente, que existam duas circunstâncias que tornam hoje necessário e precioso esse diálogo.

Isso, aliás, constitui, como se sabe, um dos objetivos principais do Concílio Vaticano II, desejado por João XXIII, e do ministério dos Papas que, cada um com a sua sensibilidade e o seu aporte, desde então até hoje caminharam no sulco traçado pelo Concílio. A primeira circunstância – como referida nas páginas iniciais da Encíclica – deriva do fato que, ao longo dos séculos da modernidade, assistiu-se a um paradoxo: a fé cristã, cuja novidade e incidência sobre a vida do homem, desde o início, foi expressa precisamente através do símbolo da luz, foi muitas vezes rotulada como a escuridão da superstição que se opõe à luz da razão. Assim, entre a Igreja e a cultura de inspiração cristã, por um lado, e a cultura moderna com marca iluminista, de outro, chegou-se à incomunicabilidade. Chegou agora o tempo, e o Vaticano II inaugurou a este propósito a estação, de um diálogo aberto e sem preconceitos que reabra as portas para um sério e fecundo encontro.

A segunda circunstância, para quem procura ser fiel ao dom de seguir Jesus na luz da fé, deriva do fato de que esse diálogo não é um acessório secundário da existência do crente: é, ao invés disto, uma expressão íntima e indispensável dela. Permita-me de citar ao senhor, a propósito, uma afirmação a meu ver muito importante da Encíclica: como a verdade testemunhada pela fé é a do amor – sublinha-se – "resulta claro que a fé não é intransigente, mas cresce na convivência que respeita o outro. O crente não é arrogante; ao contrário, a

verdade o torna humilde, sabendo que, mais do que nós a possuímos, é ela que nos abraça e nos possui. Longe de enrijecer-nos, a segurança da fé nos coloca a caminho e torna possível o testemunho e o diálogo com todos" (n. 34). É este o espírito que anima as palavras que eu lhe escrevo.

A fé, para mim, nasceu do encontro com Jesus. Um encontro pessoal, que tocou o meu coração e deu uma direção e um sentido novo à minha existência. Mas ao mesmo tempo um encontro que foi possível graças à comunidade de fé em que eu vivia e graças aos quais eu encontrei o acesso à inteligência da Sagrada Escritura, à vida nova que, como água que jorra, brota de Jesus através dos Sacramentos, à fraternidade com todos e ao serviço dos pobres, imagem verdadeira do Senhor. Sem a Igreja – acredite-me –, eu não teria podido encontrar Jesus, consciente de que aquele imenso dom que é a fé é custodiado nos frágeis vasos de barro da nossa humanidade.

Ora, é precisamente a partir daí, desta experiência pessoal de fé vivida na Igreja, que eu me sinto à vontade para ouvir as suas perguntas e para buscar, junto com o senhor, os caminhos ao longo dos quais possamos, talvez, começar a percorrer um trecho de caminho juntos.

Perdoe-me se eu não sigo passo a passo as argumentações propostas pelo senhor no editorial do dia 7 de julho. Parece-me mais frutuoso – ou, ao menos, é mais natural para mim – ir de certo modo ao coração das suas considerações. Não entro nem mesmo na modalidade expositiva seguida pela Encíclica, em que o senhor entrevê a falta de uma seção dedicada especificamente à experiência histórica de Jesus de Nazaré.

Observo apenas, para começar, que uma análise desse tipo não é secundária. Trata-se, de fato, seguindo a lógica que guia o desdobramento da Encíclica, de fixar a atenção sobre o significado do que Jesus disse e fez, e, assim, em última instância, sobre o que Jesus foi e é para nós. As Cartas de Paulo e o Evangelho de João, aos quais é feita referência particular na Encíclica, são construídos, de fato, sobre o sólido fundamento do ministério messiânico de Jesus de Nazaré, atingindo seu auge resolutivo na páscoa de morte e ressurreição.

Portanto, é preciso se confrontar com Jesus, eu diria, na concretude e na rudeza da sua história, assim como nos é narrado sobretudo pelo mais antigo dos Evangelhos, o de Marcos. Constata-se então que o "escândalo" que a palavra e a práxis de Jesus provocam em torno dele deriva da sua extraordinária "autoridade": uma palavra, esta, atestada desde o Evangelho de Marcos, mas que não é fácil fazer entender bem em italiano. A palavra grega é "exousia", que na carta remete ao que "provém do ser" que se é. Não se trata de algo exterior ou forçado, mas de algo que emana de dentro e que se impõe por si só. Jesus, com efeito, impressiona,

surpreende, inova a partir – ele mesmo o diz – da sua relação com Deus, chamado familiarmente de Abbá, que lhe confere essa "autoridade" para que ele a use em favor dos homens.

Assim, Jesus prega "como alguém que tem autoridade", cura, chama os discípulos a segui-lo, perdoa...coisas todas que, no Antigo Testamento, são de Deus e somente de Deus. A pergunta que mais vezes retorna no Evangelho de Marcos: "Quem é este que...?", e que diz respeito à identidade de Jesus, nasce da constatação de uma autoridade diferente daquela do mundo, uma autoridade que não tem como fim exercer um poder sobre os outros, mas servi-los, dar-lhes liberdade e plenitude de vida. E isso até o ponto de colocar em perigo a sua própria vida, até experimentar a incompreensão, a traição, a rejeição, até ser condenado à morte, até desabar no estado de abandono sobre a cruz. Mas Jesus permanece fiel a Deus, até o fim.

E é precisamente então – como exclama o centurião romano aos pés da cruz, no Evangelho de Marcos – que Jesus se mostra, paradoxalmente, como o Filho de Deus! Filho de um Deus que é amor e que quer, com todo o seu ser, que o ser humano, cada ser humano, se descubra e viva também ele como seu verdadeiro filho. Isso, para a fé cristã, é certificado pelo fato de que Jesus ressuscitou: não para triunfar sobre quem o rejeitou, mas para atestar que o amor de Deus é mais forte do que a morte, o perdão de Deus é mais forte do que todo o pecado, e que vale a pena gastar a própria vida, até o fim, para testemunhar esse imenso dom.

A fé cristã acredita nisto: que Jesus é o Filho de Deus, vindo para dar a sua vida para abrir a todos o caminho do amor. Por isso, o senhor tem razão, ilustre Dr. Scalfari, quando vê na encarnação do Filho de Deus o eixo da fé cristã. Tertuliano já escrevia: "Caro cardo salutis", a carne (de Cristo) é o eixo da salvação. Porque a encarnação, isto é, o fato de que o Filho de Deus veio na nossa carne e compartilhou alegrias e dores, vitórias e derrotas da nossa existência, até o grito da cruz, vivendo todas as coisas no amor e na fidelidade ao Abbá, testemunha o incrível amor que Deus tem por cada ser humano, o valor inestimável que lhe reconhece. Cada um de nós, por isso, é chamado a fazer seu o olhar e a escolha de amor de Jesus, a entrar no seu modo de ser, de pensar e de agir. Essa é a fé, com todas as expressões que são descritas pontualmente na Encíclica.

Sempre no editorial do dia 7 de julho, o senhor me pergunta, além disso, como entender a originalidade da fé cristã, uma vez que ela se articula justamente na encarnação do Filho de Deus, em relação às outras fés que gravitam, ao invés disto, em torno da transcendência absoluta de Deus.

A originalidade, eu diria, está justamente no fato de que a fé nos faz participar, em Jesus, à relação que Ele tem com Deus que é Abbá e, nessa luz, à relação que Ele tem com todos os outros seres humanos, incluindo os inimigos, no sinal do amor. Em outros termos, a filiação de Jesus, como ela nos é apresentada pela fé cristã, não é revelada para marcar uma separação intransponível entre Jesus e todos os outros: mas para nos dizer que, n'Ele, todos somos chamados a ser filhos do único Pai e irmãos entre nós. A singularidade de Jesus é pela comunicação, não pela exclusão.

Certamente, segue-se também disso – e não é uma coisa pequena – aquela distinção entre a esfera religiosa e a esfera política que é sancionada no "dar a Deus o que é de Deus e a César o que é de César", afirmada com clareza por Jesus e sobre a qual, laboriosamente, se construiu a história do Ocidente. A Igreja, de fato, é chamada a semear o fermento e o sal do Evangelho, isto é, o amor e a misericórdia de Deus que alcançam todos os seres humanos, apontando para a meta ultraterrena e definitiva do nosso destino, enquanto à sociedade civil e política cabe a tarefa árdua de articular e encarnar na justiça e na solidariedade, no direito e na paz, uma vida cada vez mais humana. Para quem vive a fé cristã, isso não significa fuga do mundo ou busca de qualquer hegemonia, mas sim serviço ao ser humano, a todo o ser humano e a todos os seres humanos, a partir das periferias da história e mantendo desperto o senso da esperança que impulsiona a fazer o bem apesar de tudo e olhando sempre além.

O senhor me pergunta também, na conclusão do seu primeiro artigo, o que dizer aos irmãos judeus acerca da promessa feita a eles por Deus: ela foi totalmente esvaziada? Esta é – acredite-me – uma interrogação que nos interpela radicalmente, como cristãos, porque, com a ajuda de Deus, sobretudo a partir do Concílio Vaticano II, redescobrimos que o povo judeu ainda é, para nós, a raiz santa a partir da qual germinou Jesus. Eu também, na amizade que cultivei ao longo de todos esses anos com os irmãos judeus na Argentina, muitas vezes na oração interroguei a Deus, de modo particular quando a mente ia ao encontro das recordações da terrível experiência do Holocausto. Aquilo que eu posso lhe dizer, com o apóstolo Paulo, é que nunca falhou a fidelidade de Deus à aliança feita com Israel e que, através das terríveis provações desses séculos, os judeus conservaram a sua fé em Deus. E por isso, a eles, nós nunca seremos suficientemente gratos, como Igreja, mas também como humanidade. Eles, além disso, justamente perseverando na fé no Deus da aliança, lembram a todos, também a nós, cristãos, o fato de que estamos sempre à espera, como peregrinos, do retorno do Senhor e que, portanto, sempre devemos estar abertos a Ele e nunca nos encastelarmos naquilo que já alcançamos.



Chego, assim, às três perguntas que o senhor me faz no artigo do dia 7 de agosto. Parece-me que, nas duas primeiras, o que está no seu coração é entender a atitude da Igreja para com aqueles que não compartilham a fé em Jesus. Acima de tudo, o senhor me pergunta se o Deus dos cristãos perdoados quem não crê e não busca a fé. Posto que – e é a coisa fundamental – a misericórdia de Deus não tem limites se nos dirigimos a Ele com coração sincero e contrito, a questão para quem não crê em Deus está em obedecer à própria consciência. O pecado, mesmo para quem não tem fé, existe quando se vai contra a consciência. Ouvir e obedecer a ela significa, de fato, decidir-se diante do que é percebido como bom ou como mau. E nessa decisão está em jogo a bondade ou a maldade do nosso agir.

Em segundo lugar, o senhor me pergunta se o pensamento segundo o qual não existe nenhum absoluto e, portanto, nem mesmo uma verdade absoluta, mas apenas uma série de verdades relativas e subjetivas, é um erro ou um pecado. Para começar, eu não falaria, nem mesmo para quem crê, em verdade "absoluta", no sentido de que absoluto é aquilo que é desamarrado, aquilo que é privado de qualquer relação. Ora, a verdade, segundo a fé crente, é o amor de Deus por nós em Jesus Cristo. Portanto, a verdade é uma relação! Tanto é verdade que cada um de nós a capta, a verdade, e a expressa a partir de si mesmo: da sua história e cultura, da situação em que vive etc. Isso não significa que a verdade é variável e subjetiva, longe disso. Mas significa que ela se dá a nós sempre e somente como um caminho e uma vida. Talvez não foi o próprio Jesus que disse: "Eu sou o caminho, a verdade e a vida"? Em outras palavras, a verdade, sendo definitivamente uma só com o amor, exige a humildade e a abertura a ser buscada, acolhida e expressada. Portanto, é preciso entendermo-nos bem sobre os termos, e, talvez, para sair dos impasses de uma contraposição... absoluta, refazer profundamente a questão. Penso que isso seja absolutamente necessário hoje para entabular aquele diálogo sereno e construtivo que eu esperava no início deste meu dizer. Na última pergunta, o senhor me questiona se, com o desaparecimento do ser humano sobre a terra, também desaparecerá o pensamento capaz de pensar Deus. Certamente, a grandeza do ser humano está em poder pensar Deus. Isto é, em poder viver uma relação consciente e responsável com Ele. Mas a relação entre duas realidades. Deus – este é o meu pensamento e esta é a minha experiência, mas quantos, ontem e hoje, os compartilham! – não é uma ideia, embora altíssima, fruto do pensamento do ser humano. Deus é Realidade, com "R" maiúsculo. Jesus no-lo revela – e vive a relação com Ele – como um Pai de bondade e misericórdia infinitas. Deus não depende, portanto, do nosso pensamento. Além disso, mesmo quando viesse a acabar a vida do ser humano sobre a terra – e para a fé cristã, em todo caso, este mundo como nós o conhecemos está destinado a desaparecer –, o ser humano não deixará de

existir e, de um modo que não sabemos, assim também o universo criado com ele. A Escritura fala de "novos céus e nova terra" e afirma que, no fim, no onde e no quando que está além de nós, mas para o qual, na fé, tendemos com desejo e expectativa, Deus será "tudo em todos".

Ilustre Dr. Scalfari, concluo assim estas minhas reflexões, suscitadas por aquilo que o senhor quis me comunicar e me perguntar. Acolha-as como a resposta tentativa e provisória, mas sincera e confiante, ao convite que nelas entrevi de fazer um trecho de estrada juntos. A Igreja, acredite-me, apesar de todas as lentidões, as infidelidades, os erros e os pecados que pode ter cometido e ainda pode cometer naqueles que a compõem, não tem outro sentido e fim senão o de viver e testemunhar Jesus: Ele que foi enviado pelo Abbá "para levar aos pobres o alegre anúncio, para proclamar aos presos a libertação e aos cegos a recuperação da vista, para libertar os oprimidos, para proclamar o ano de graça do Senhor" (Lc 4, 18-9).

Com proximidade fraterna,

Francisco